

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"

1911/943
ANO III

publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 10
Núm. 2

Notícia sobre José do Patrocínio

João Carlos do Patrocínio nasceu em Campos, Província de Rio de Janeiro, em 8 de outubro de 1851. Era filho natural de João Carlos Monteiro da paróquia, e de Maria do Carmo de Moraes, filha de um advogado.

Quando ainda registava-se a escravidão, já, a sua mãe, Maria do Carmo de Moraes, era conhecida por sua oposição à escravidão. Quando, certa vez, na Paróquia da Lagoa de Campos, um negro recusava-se a um castigo cruel, a mãe de João Carlos, Maria do Carmo de Moraes, foi a primeira a levantar-se contra a escravidão. Ela não conseguia obter o castigo, e, então, em sinal de protesto, retirou-se de uma escola de crianças, deixando-as abandonadas à cabeça.

Em 11 anos quando, tendo ido ao apêndice a educação, foi para a Corte, onde, da lembrança de sua mãe, Maria do Carmo de Moraes, recebeu a recomendação de ir para a Santa Casa de Misericórdia falar ao Sr. Cristiano dos Santos, conhecido como "original" (seu nome era Patrocínio, o disse o Sr. Cristiano dos Santos de Moraes).

Quando começou a trabalhar, começou também a estudar. Foi a primeira a ser nomeado. Tem a insignificância da infância, e mais 25000 por mês de ganhos, pelos planos de engenharia, que faz por 10000, e mais 13500, que o Sr. Cristiano dos Santos lhe mandou em cada. Liga-se em amizade com o Sr. João Carlos de Aquino, e este lhe dá o seu externo, além de o jovem possa preparar para um futuro curso de Direito. Patrocínio ali faz os preparatórios do curso de Direito, e também os do curso de Engenharia.

Em breve, instala-se numa "biblioteca" de estudantes, com os amigos Martins Costa e Campos da Paz. Entra para a Faculdade de Medicina, como aluno de Farmácia. Do seu amigo Sebastião Catão Calado, recebe a recomendação de ir para a Santa Casa de Misericórdia, onde, em 1870, está ele com o curso concluído, e com o diploma de farmacêutico em casa. Sua situação, nesse momento, se torna particularmente difícil. Seu colega, Catão Calado, parte para a Bahia. A Patrocínio não restava outra solução: ler a carta que alugou sua casa por 40 mil réis por mês, por isso que não dispõe do dinheiro para estabelecer-se por conta própria, ou então terá que morrer de fome. — Parecia disposto a aceitar a segunda solução, quando, certo dia, foi convidado pelo amigo João Rodrigues Pacheco Vilanova, seu antigo discípulo do Externato Aquino, para passar um dia em sua casa. Aconteceu o convite. Pacheco Vilanova residia em São

Christovão, e era filho de dona Henriqueta, encantadora senhora, casada em segundas núpcias com o capitão Emílio Rosa Sena. Fuido o jantar, levou o rapaz a conversar com o amigo, o Henriqueta e as demais pessoas da casa, e, quando pretendia retirar-se, verificou que já era muito tarde. Como não houvesse honde para voltar à cidade, aceitou o convite, que todos insistentemente lhe faziam, para que dormisse em São Christovão. Quando entrou no quarto que lhe era destinado, teve uma surpresa: ali se encontravam os seus móveis, a sua mala, os seus livros! Sem que ele soubesse, Vilanova havia feito a sua mudança!

O capitão Sena, para que Patrocínio pudesse aceitar sem constrangimento a hospedagem que lhe era assim oferecida, propôs-lhe então um negócio: ele ficaria residindo em sua casa, e como pagamento locaria aos seus filhos. Patrocínio aceitou a proposta, começou a ganhar 1000000 por mês — e a ensinar primeiras letras a dois netinhos e a três meninas. Dadas a prefil da dele foi desalojado a Bibi, pela qual Patrocínio estava em breve apaixonado, sendo que ela correspondia a um grande afeto que havia de pertado no coração do professor.

Ja a esse tempo Patrocínio estava iniciando sua carreira de jornalista. Entrara na "Gazeta de Notícias". Sua estreia maravilhosa começa a aparecer.

O capitão Sena era um homem de ardorosas convicções anti-monarquistas e em sua residência funcionava o "Clube Republicano", do qual faziam parte Quintino Bocaiuva, Lopes Trovão, Pardo Mallet e outros. Quando informado, porém, dos amores de sua filha com o negro — amores esses que encontravam a maior simpatia por parte de Henriqueta — o capitão Sena sentiu-se revoltado. Parecia-lhe um disparate aquilo. Nessa dificuldade, Patrocínio obteve uma intervenção de Ferreira de Araújo em seu favor. Afinal, Patrocínio e Bibi se casaram. Contando-se que, no dia do casamento, a emoção dele foi tão profunda que, tendo de ir dormir na casa que para sua lua de mel alugara, ele entregara a chave ao Sr. Paulo Ney, com medo de esquecê-la! Quem a esqueceu, porém, foi o próprio Ney! E, sem maneira de abrir a porta e casa, tiveram Patrocínio e Bibi que regressar ao lar dos pais da moça, para não terem que passar a noite ao relento.

Patrocínio está feliz, e o vemos, nessa época, em plena atividade intelectual. Começa, com Dermeval da Foz, a publicar os "Ferreiros", o quinzenário que sai de 1 de junho a 15 de outubro de 1875, formando um volume de dez números. Os dois colaboradores se assinaam — "Notus Ferrão" e "Eurus Ferrão".

Dois anos depois, temo-lo na "Gazeta de Notícias", levado por Ferreira de Araújo. Está a seu cargo a "Gazeta Métrica", e, também, está a seu cargo a

"Semana Parlamentar" (sendo que a última ele se assina "Pudhom").

Em 1879, inicia a campanha pela Abolição, em rodapés da "Gazeta de Notícias". Em torno dele forma-se um grande círculo de jornalistas e de oradores. Ferreira de Menezes, na "Gazeta da Tarde", o acompanha. Acompanham-no as correspondentes da Associação Central Lamentosa, entre os quais se notam homens como Joaquim Nabuco, Lopes Trovão, Ubaldino de Amaral, Ludiano de Azeite, Ferreira de Menezes, Ernesto Sena, João Clapp, Tito de Sampeão, Paula Ney. Ele começou a tomar parte nos trabalhos dessa associação em 1880.

Em 1881, passa para a "Gazeta da Tarde", substituindo Ferreira de Menezes, que havia morrido. Diz-se que, para que ele pudesse obter esse cargo, o seu amigo, capitão Sena, pos a sua disposição a quantia de 15 contos, com a qual ele comprou a "Gazeta da Tarde".

Patrocínio tinha atingido, nesse momento, a grande fase de sua vida e de sua atuação social. Funda a Commissão Abolicionista e lhe redige e manifesta, que é também assinado por André Rebouças e Aristides Lobo. Torna como discussões estas palavras: — "A escravidão é um roco".

Em 1882 vai ao Ceará, levado por Paula Ney, e ali é cercado de todas as homenagens. Dois anos depois ele em Paris, quando a "Terra da Luz", como chamou a própria batina o Ceará, faz a emancipação completa dos escravos. Patrocínio dirige-se a Vitor Hugo, e dele obtém uma página de ardente aplauso a gente da província que assim libertava seus escravos.

Em 1885, visita Campos, e é ali saudado como um triunfador. Regressando ao Rio, traz a velha mãe, doente e aquebrada, que pouco tempo mais resistiu. Ao morrer, teve um funeral importante, no Rio, acompanhado que foi ao campo santo por escritores, jornalistas, poetas, todos amigos do glorioso filho.

Em setembro de 1887, deixa Patrocínio a "Gazeta da Tarde" e passa a dirigir a "Cidade do Rio", que ele próprio havia fundado. Este, como os jornais anteriores em que o grande negro trabalhou, tornou-se em breve um verdadeiro ninho de agulhas, pois foi ali que se fizeram, pode-se dizer sem exagero, os melhores nomes das letras e do periodismo brasileiro do momento, todos chamados por Patrocínio, por ele estimulados por ele admirados, por ele queridos.

Foi de sua tribuna da "Cidade do Rio" que ele saudou, em 13 de maio de 1888, o advento da Abolição, pelo qual tanto lutara, ao qual dera todas as suas energias, os seus sonhos, a sua fé.

Sobreveio a República, e Patrocínio não teve nela parte. Em 91 está em decidida oposição a Floriano. É desterrado para Cuiabá. Em 93 está suspensa a publicação da "Cidade do Rio", e ele é obrigado a refugiar-se, para evitar agressões e quem (conclui na página 21)



JOSE' DO PATROCINIO

SUMÁRIO

PAGINA 17:

— Notícia sobre José do Patrocínio

PAGINA 18:

— A poesia de José do Patrocínio

— Voz Victis

— Estúlia

— Adormecida

— Maria

— IAA-mo

— Precisa-se

— Recordações

— No Lírico

PAGINA 19:

— Estudo sobre José do Patrocínio, de Silvio Romero

— A Hipoecrisia, de José do Patrocínio

PAGINA 20:

— José do Patrocínio e a Abolição (trecho do discurso de recepção na Academia Brasileira), de Mário de Alencar

— José do Patrocínio, de Alcides Maya

PAGINA 21:

— A última visita a Patrocínio, de Coelho Neto

— Patrocínio na campanha da Abolição, segundo Oliveira Vianna

PAGINA 22:

— Jesus, de José do Patrocínio

— Bibliografia de José do Patrocínio

— Documentos referentes a José do Patrocínio

PAGINA 23:

— Anoteecer, de Osvaldo Orico

— Para variar, de Arthur Azevedo

— José do Patrocínio na opinião de Joaquim Nabuco

PAGINA 24:

— Um perfil de José do Patrocínio (a proposta de "Dobras e Cogumelos", de Felix Pacheco por João Ribeiro)

— O sacerdócio de José do Patrocínio, de Sousa Bandeira

PAGINA 25:

— Silva Jardim, de José do Patrocínio

— Patrocínio, soneto de Olavo Bilac

— Na véspera da Abolição (trecho de um artigo da "Seara da Poesia", de José do Patrocínio)

PAGINA 26 e 27:

— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Segunda Série — Antologia da Prosa. I — Monteiro Lobato:

— Notícia biográfica de Monteiro Lobato:

— Alguns livros de Monteiro Lobato:

— O Falso dos Milagres

— Uma fábula — O burro jude

— Um autoritário

— A colcha de retalhos (conto)

PAGINAS 28, 29 e 30:

— Retrospecto Literário de 1912, de Mucio Leão

PAGINA 31:

— Maria Isabel, de Vinícius de Moraes

— Uma carta do professor Strowski a Mucio Leão

— Nota ao último Suplemento

— A crítica literária de "A Manhã".

PAGINA 32:

— Sinos de Mariana, poema de Alphonsus de Guimaraens Filho, com ilustração de Osvaldo Goeldi.

A poesia de José do Patrocínio

VOE VICTIS

A S. P. IMPERIAL

Eu venho perturbar-te nos teus passos,
Quando tu sonhas do prado nos braços
Do puerário o laço ideal;
Largas alimadas pelo tom da crença
Mal sei contar essa harmonia imensa,
Que em mares, céus, estrelas se condensa
Na orquestra universal.

Tenho também um rei — a Divindade;
Tenho também um paço — a Humanidade;
Tenho uma lei também — a da Razão!
Em nome dessa eterna trilogia
Borrego a minha voz pesada e fria;
Como da noite as tenebras, sombria
É minha inspiração.

Venho-te abrir a Bíblia da verdade,
Quero que a leias, pobre mocidade,
Atalada do século e da luz!
Tu que no sabre e na libre te escudas,
Fallas do paço as consciências mudas,
E beijas crente as faces vis de Judas,
Julgando-as de Jesus.

Filha da livre América tu erras!
O silêncio fatal em que te encerras
Desperta a grande voz da multidão;
E o século em que vens pedir comédia
É filho de Sycês, da Enciclopédia,
Dessa protagonista da tragédia
Chamada — Convenção!

Pois queres algaroar o pensamento?
— Ergue-te, despovoa o firmamento,
Rasga a página azul da criação;
Tira a melancolia dos lares,
Opõe teu peito a convulsão dos mares,
E o filho das potências proclamas,
Soposa-o na mão.

Porque pedir excomunições a Roma,
Quando da paz a doce autora asoma
No céu da consciência universal?
E no Thabor divino da ciência
Rompe os tristes andrajados da indigência,
Transfigura-se a humana inteligência
As festas do Ideal!

Senhora! insultas o brasileiro povo
Larga frente em que o sol do Mundo-Novo
Insculpiu epopeias colorais.
Queres ver o gigante levantar-se,
E ao choque do combate esborçar-se,
No sangue e na poeira misturar-se
O tronco de teus pais.

Que pode contra nós o fanatismo?
A História é alta, não conhece abismo,
Nem tritos hecos do priso, nem céu.
Quando a lóca quiser sua asa branca
Descender e voar serena e franca,
Verás bem tristo como a História aranca,
E parte o astro teu.

As veias, pela mente de poeta,
A sangue de Maria Antônia
Escoam-me triste, quando penso em ti...
E tenho horror no bando martirizado,
Assassino que entra no sacrário,
Da tua alma e... prepara-te um Calvário...
A! miséria de si!

Senhora, porque a boca da batalha
Ha-de molhar os dentes de metralha
Inda uma vez o nosso pavilhão?
Porque a tua mão trevas engrossa,
Quando podias, coração de moça,
Prender no pano da bandeira nossa
Uma constelação?

Em meio dos concertos do progresso
Fazes soar os docres do regresso
E gritas para o século: para!
E não sabes que o sol na sua eclitica,
Não tem medo de breves, nem da enciclica,
Nem teme excomunições da mão raquítica
Do caduco Mastai?!

Senhora, atende a voz da mocidade!
Aguerru-nos as mãos a Divindade
Do gládio as lutas e do livro a paz:
E tarde já para vencer agora;
Olha, vê no horizonte a grande aurora
Do dia da Razão: — ninguém, Senhora,
Pode escondê-la mais!

JOSÉ DO PATROCÍNIO

29 de julho de 1878
(O Mcquettre de 8-11-1878).

EULALIA

I

É pálida e franzina
Sobre da mão minúscula
Na coxinha pequenina
A coma de uma rosa.

Voz doce e peregrina,
De flauta harmoniosa;
Qual tímida menina
Assim ela é medrosa.

A lânguida pupila
Rolar frouxo, indoloso
De alvorecer risinho;

Como que vê tranquila
Em cada flor — um riso,
Em cada estirpe — um sonho.

II

Se aquele selo arfasse
As convulsões de amante,
Medora palpitante
Ela talvez pintasse.

Mas não o har fugace
Penetra insinuante,
E passa triunfante
Semi o mais frouxo enlace.

Est'alma ingenua e pura
A fimbria de um desejo.
Nunca rutilou sequer.

Meu Deus! que formosura!
— Da flor fizeste um beijo,
Dum beijo esta mulher!

III

Senhor! Senhor — um crime
Nefando praticaste,
Quando sem ver criaste
Esse ideal sublime.

Teu céu inteiro exprime
Que nela o copiste.
Foste bem mau; armaste
A mão que os homens rime.

Fizeste-a sedutora,
A criação mais bela
Que é dado imaginar.

E lhe disseste: agora
Como o luar, a estrela
Brilha — mas sem amar!

J. DO PATROCÍNIO

("Gazeta de Notícias" de 13-1-1877)

ADORMECIDA

Dormiu sobre a potrona,
Serena e languorosa,
Qual pinta-se a formosa
Imagem da Madona.

Um sonho lhe tessura
A boca pertumosa,
Madeixa premeiosa
Ao céu se abandona.

Mostra-lhe o deralinho
Do céu um poucozinho
E todo o nível brinco.

Semelha esse portento:
Sem voz, sem movimento,
A estátua do ensaço.

J. DO PATROCÍNIO

("Gazeta de Notícias" de 10-4-1877)

MARIA

Suave clarão de crença,
De ternura e idealismo,
Que em meu viver — noite densa
Constela mago asterismo.

No teu olhar se condensa
Indefinido eletrismo,
Que inunda de luz imensa
As trevas do meu abismo.

De minh'alma doentia
Tu foste o missionário
Modesto e consolador;

E só por te ouvir, Maria,
Espero no meu Calvário
A ressurreição do amor.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

("Gazeta de Notícias" de 8-3-1878)

LIRISMO

O seu olhar é feito de quimeras;
Que não sabem voar se não de manso,
Pouca distância e vem buscar descuro
Na pureza de quinze primaveras.

Nunca turbavam vibrações severas
Essa aurora de paz, tranqüilo avanço
A luz, aos céus no plácido remanso
De crenças puras, devoções sinceras.

Sonha talvez um anjo na dormência,
Da moderada oração, crande ressonância
Das ideias de amor inda em botão.

Horas lá que tem sonho — tã-m-das,
Mas apenas nos olhos casca-casca
Cura o pudor, suspira o coração.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

("Gazeta de Notícias" de 23-6-1878)

PRECISA-SE

... uma dona mais ou menos
Como segue: "mignon", pra pequeninos,
Penalhos trinta e um, sem calo, finos
Que de passos miúdos e serenos.

A face deve ter uns tons morenos
Muito e muito de leve; olhos divinos
Fontes de adorações e deatões
Eutímicos agora e logo amenos.

Mãozinha esculpural, toda ameno-a
Veludo a palma, as unhas cor de rosa
Que caire letra Z, sendo menos.

Co o dos mais gentis, voz fêliceira
Que deva soluçar pranteas de herança
Meses depois da confissão de amor.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

("Gazeta de Notícias" de 25-8-1878)

RECORDAÇÃO

Eu era bem criança, nessa idade
Em que so temes nalm a luz da crença.
Pobre estrela que em horas de alvorada
Era do céu na vastidão imensa.

Deixei meu lar então; desse momento
Restou-me um quadro as sombras da orfandade
— Em baixo — o mar, em cima — o firmamento,
Entre as vagas e os sóis minha saúdade.

Recordações de tudo que eu prezava
Desde a dormência do meu patrio rio,
Desde o negror de burro descalçado,
Até do ancor o limpo amuio.

Terra do nosso lar, sempre eu formosa,
Ou nos sejas rural aberto em flores,
Ou sejas o lugar onde escrevi-se
A página maior das nossas cores.

Foi teu nado primeiro balneio,
Como a primeira prece a Deus eguida,
Filtrava a tua luz pelos cithares
De nossa mãe feliz e enlutada.

A amadureza do tempo insonável
Escolia a pouco e pouco os meus dias.
Entolha-se a crença, efêcia notas
Vem nutrir-nos de novas alegrias.

Terra do nosso lar só lá não perdes
O teu lugar em nosso pensamento!
Sentimes-te na flor, no céu, nas aves,
No azul das águas, no rugir do vento.

Eu era bem criança no despedir-me
Dos teus mais vivos, lucidos encantos,
E não tiveram força de apagar-los
Nem mesmo os rudes vincos dos meus prantos.

Cresci: dia por dia nos meus sonhos
Com mais firmeza e ardor sentia amar-te,
E no espaço adorava mais ao astro
Que eu via que devia iluminar-te.

Como outr'ora ligou-se a minha infância
Liguei também a ti a mocidade,
Não pela glória que eu não tive nunca,
Mas pelo coração, pela saúdade.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

("Gazeta de Notícias" de 26-3-1878)

NO LIRICO

Quando eu senti o teu olhar fixar-me
Oh! flor de seda, rendas e lirismo,
Esqueci do bordão do pessimismo,
Deixei loira visão acalantar-me.

Fui no aéreo dum bello pendurar-me
Do teu broche no rutilo asterismo,
Nesta hora se te amar fosse um abismo
Eu não temera uel de despenhar-me.

Foi bem rápido o tempo venturoso,
Porque logo acordei, pobre mufino,
Com ressaltos de fel de tanto gozo.

Rico burguês de rosto vipirino
Cevava no teu colo o olhar guloso
E... cantava-se a Força do Destino.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

("Gazeta de Notícias" de 31-8-1878)

JOSÉ DO PATROCÍNIO E A ABOLIÇÃO

(Trecho do discurso de recepção na Academia Brasileira)

JOSÉ DO PATROCÍNIO

ACÍDES MAYA

É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.



Patrocínio na época da fundação da Academia

Motta Coqueiro

1277

A pena de morte

RIO DE JANEIRO

1111, Rua da Livraria Moderna

DOMINGOS DE MAGALHÃES—EDITOR

123, Rua do Lavradio 123

Placa de Oitão de "Motta Coqueiro" na "Pena de Morte"

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

... de 18 de março de 1943. A alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida. É a alma a escarificação para a vida.

A última visita a Patrocínio -- COELHO NETTO

em pé, quando regressou da...
...na estação da...
...A Prudência tera de...
...a família fulgurante.

Quando o trem partiu, por...
...a estrada cheia de sulcos de...
...de covas que eram atre...
...A um lado, alta, esca...
...a herança sanguinea...
...a da mão, com curvas de...
...a em flor defendendo...
...em frente, casario ro...
...uma alpendrada e polia...
...a em estradas, mastros...
...da diabolos.

A manhã luminosa estava...
...da ave e de borboletas...
...do Domingo. Um sino te...
...queava na torre da col...
...na estrada desciam rúcu...
...quando sacolejando cefre...
...mos.

Eu procurava algum...
...me informava, quando um...
...rompeu das silvas...
...caindo, recendo, na fama de...
...um papazão rebelde...
...em, presentiu por Patroc...
...O pequeno lancou-me um...
...o olhar, e, sempre a s p...
...indagou: "Ei, aqui é o...
...E ali?" Atrou o braço...
...o vivo, indicandome...
...a uma direção e, am...
...a se foi aos saltos, aos...
...a tinha, tirando o pa...
...que rebolava, as guin...
...no ar azul.

Aí, e, como fosse oúso...
...a mente, descobri no alto da...
...huma cola, peguntes que...
...incentivam a sombra duma fa...
...e, em um deles, reco...
...o filho mais novo do tri...
...mo.

Sua mãe e resvalados ce...
...cavados na terra, passei a...
...cunha, entrei no alveio do jar...
...ressegando e, anunciado...
...pego, minutos depois...
...a recebido na casa hospita...
...era.

Não desmereci a modestia...
...a um assalho de pobreza...
...a vida.

A memória do jornalista quae...
...o tempo de ver-me e, como eu...
...perguntasse pe'o enfermo, teve...
...a gesto desatente dizendo...
...apenas: — Então.

Entramos.
...Em um quarto, alumado por...
...uma janela, onde mal cabiam...
...uma cama de solteiro, um lava...
...e duas cadeiras, jazia o pe...
...deitor da campanha magnifica.

Magro, esquelético, com os...
...olhos encovados no fundo da or...
...fronte vasta, escavada, de...
...um por bacia de bronze empoei...
...da, a boca reclinante á falta...
...de dentes, sem voz, meio en...
...chido na enxerga, as pernas...
...cobertas por um chape azul, Pa...
...trrocínio sorria e chorava, es...
...tendendo-me os braços que...
...eram osos envoltos em pele ci...
...neta.

Sobre o lavatório estava um...
...velho prato com um resto de...
...hinzau, as moscas, aos pés da...
...cama, pelas travessieiras, no...
...chão os jornais do dia, todos...
...Na parede um Cristo morto.

Não houve palavras. Fitamos...
...e eu o vi através de uma...
...nova... depois...

Os passarinhos cantavam nas...
...árvores em flor e o sol entrava...
...quente e rutilo pela janela...
...noita. Dia lindo! E ele sou...
...coz: — "Meu amigo!" Que res...
...pondi? não sei. Conversamos...
...Ele não teve uma queixa. Me...
...tendo a mão sob o travessieiro...
...para tirar o lenço fez cair uma...
...tira de papel escrita a lapis. Pe...
...di-na sorrindo:

— É o meu artigo. Escrevi-o...
...agui na cama, a lapis. Quando...
...me faltava forças dito á minha...
...mulher. A lapis, hein? Mas del...
...semas, de tristezas. Falamos do...
...passado... E falamos... Oh! o...
...passado... o passado daquele...
...homem, um dos grandes heróis...
...da minha Pátria... a sua histó...
...ria que é a de toda uma época...
...a sua campanha, o seu canto...
...libertal...

Onde estava o povo que o le...
...vantara nos braços e o aclama...
...va em delírio no grande dia? ...
...Onde estava a imensa legião...
...negra que ele arrancara das...
...sevas? — os corpos que ele sol...
...tara na liberdade, almas que ele

abramos, corações que fran...
...queira, ao amor, espantos que...
...dos seus bicerra?

Onde e ficava os escravos de...
...antem? E a Pátria? a dose Pa...
...tria que ele tanto reintegrara...
...o seu peito, o seu ouvido, o seu...
...entusiasmo, o seu amor? E as...
...que ele havia socorrido? E as...
...que ele havia encantado com as...
...suas páginas fulgurantes? To...
...dos aqueles que subiam as escad...
...das do seu jornal com laurean...
...ilhas e flores, o que se incli...
...navam zimbados á sua passa...
...gem, os que lhe pediam o curso...
...que ele nunca negou? Onde es...
...tavam?

La tora as cigarras vividas fas...
...ciam um chilreio já unido, pen...
...sas batiam as asas e o sino ba...
...tía enchia o ar de tons.

— Em que pensas?

— Eu?

— Sabes? Isto há de passar...
...Se não a Deus mais um ano...
...Veste o balão? Está quase p...
...to. Mais um ano e... adue ter...
...ra? La vai o Zé do Patrocínio...
...La vai La vai E eu pela minha...
...alim, perdendo-me no eter...
...toral longe, repando o ar do...
...Deus, o grande ar virgem da al...
...tura, Menos a cabeca com...
...desolito.

Uma rapariguita entrou com...
...uma carta, deu-lhe. Ele ra go...
...nocionalmente o envelope...
...abriu-a; franço o sorriso, no...
...to que a mão lhe tremia. Es...
...tendeu o papel e, com os olhos...
...turbados de tristeza fitos no...
...cú, que era todo alegre, re...
...petiu com uma voz que se per...
...dia em angústia: La longe!

E foi! Foi, não evado pelo seu...
...velho, mas pela Maria, quan...
...a ainda respirava o crêdo com...
...os ossos dos dedos para arranc...
...ar as últimas migalhas.

Morreu como vivera: dete...
...ndo os braços, batendo-se pe...
...la fiedade.

O seu último apelo foi em...
...prol dos animais, talvez mais...
...gratos do que os homens. A sua...
...oração derradeira foi a de um...
...panicista. Acabou numa explos...
...ão o que vivera em explosões...
...casi afogado em sangue, como...
...o sol tomba no ocaso envolto...
...em mortalha de púrpura.

Heroico com Glano no trans...
...e fatal, não se entregou covar...
...demente á morte; sentindo-a...
...aprumou-se e, a pena em pun...
...h, encostou-se ao respaldar do...
...leito. Virou, então, que o seu...
...corpo amolecia e oscillava, per...
...dia o equilibrio — e que a alma...
...partira.

Foi assim que morreu — ta...
...eu dizer D. Quixote — o colosso...
...na modesta hospitalidade de um...
...lar amigo.

Patrocínio foi como a flecha...
...lançada em linha reta ao sol...
...partiu da miséria, subiu glorio...
...samente, chegou ao esplendor...
...teria o núcleo de fogo fazendo

a rebentar em fúlcasções este...
...ares e voltou ao ponto de onde...
...partira. O menino de Campos...
...que saia do fundo de uma qui...
...tada e cheirava á intimidade...
...dos reis, acabou miseravelmente...
...em uma enxópa de e-mola.

Tantas campanhas, tantos be...
...nefícios, o sonho do Bem, o...
...Ideal da Justiça, mancheios de...
...cunhos, consolações e generosi...
...dades, tanto amor e... á cabe...
...ceira um raso de sol brilhando...
...como um cirlo aceso por Deus...
...e, de joelhos, chorando-o, a es...
...to o, os filhos e a família ple...
...da que o recebera.

E assim como os embalsama...
...dores lavam o cadáver para o...
...o rubeir com essências, a His...
...tória correge a purificar a me...
...mória do grande homem, o Gé...
...nio representativo da Liberdade...
...no período mais intenso da nos...
...sa vida política, porque, depois...
...do período, que começa em...
...1590, foi em 1833 que tiradou o...
...primeiro episódio da nossa his...
...tória de povo autónomo, de po...
...vo livre com a noção carinhosa...
...do 13 de maio.

A Pátria tremia ainda com o...
...banco do corpo do gigante e já...
...a leuda a guerra da História...
...comigo, com as ações heroicas e...
...os direitos sofrimentos, a figura...
...o implexo do Eponimo. Nos que...
...o contêm, ainda lhe guar...
...damos o aspecto real; mas os...
...que entram na vida já o veem...
...outro, bem diferente do que foi.

O homem extraordinário, de...
...Amper, gravou na memo...
...ria humana uma imagem que...
...e meca por se lhes assemelhar...
...digna cada um, cada século...
...ajuntam um traço novo e o...
...retrato acaba por não conservar...
...coisa alguma do original.

A figura de José do Patrocí...
...nio já se vai despreendendo da...
...morte, cresce, brilha, fulgura...
...sob o limbo como de um...
...oriente e, a medida que sobre...
...meia avulta e esplende e nos...
...olhos vindouca, na auréola da...
...enda não será um simples ho...
...mem, mas o tipo grandioso do...
...Herakles brasileiro.

"D'acurso Académico" —
...vol. 7.

PATROCÍNIO NA CAMPANHA DA ABO-LIÇÃO, SEGUNDO OLIVEIRA VIANA

...Patrocínio, esse, todo ele...
...ardia numa chama única e, co...
...mo um prodigioso Balista ne...
...gro, percorria o Norte e a sua...
...aridez, arrastando multidões...
...deslumbradas, como que trans...
...figuradas diante de uma nova...
...revelação.

(O Ocaso do Império, página...
...73).



Alegria a Patrocínio, de R. Amoroso (publicada em "Rascões")

José do Patrocínio na opinião de Barbosa Lima Sobrinho

Patrocínio é o maior de todos...
...os jornalistas da Abolição. Não...
...se poderá dizer que a ele se...
...deve mais do que aos outros;...
...mas em verdade nenhum pos...
...sui tantas qualidades para...
...agradar. Nabuco vinha pre...
...judicado com a sua aristocrá...
...cia, não só pela ascendência de...
...que se honrava, como pela fi...
...nura de sua intelligência e equi...
...librio de sua cultura. Patrocí...
...nio surgia da turba, animado das...
...paixões populares, argumenta...
...vivo contra a intuidade da es...
...cravidão. Os conhecimentos na...
...da profundos e a intelligência...
...lhe facilitava a missão; ele...
...não era acessível á sobriedade...
...do sereno equilibrio atico. A...
...imaginação tropical lhe forne...
...cia em cada uma das tropas sen...
...sacionais com que fascinava o...
...auditorio. Havia ainda o talen...
...to verbal que era nele tor-

rentoso. A multidão exige dos...
...seus dominadores que tenham...
...muito de sua própria alma.
(O Problema da Imprensa,
...páginas 129-130).

Notícia sobre José do Patrocínio

(Conclusão da página 97)

sabe se não o próprio assassi...
...nato. No quadrilho de Frei...
...dite de Morais está ao lado...
...o governo, e por esse motivo...
...briga com Rui Barbosa. Alcin...
...do Guanabara e outros esca...
...tores. No quadrilho de Cam...
...pos Sales, está na opoção.

Já a esse tempo, entretanto...
...parece que a sua gran e pro...
...pagação não é mais a política...
...— mas sim a aviação. Manda...
...construir o balão "Santa Cruz",...
...e seu sonho é voar. Num festa...
...a Santos Dumont, realizada...
...nesta fase, no Teat. o Lírio,

está ele saudando o inventor...
...quando não pode prosseguir...
...em seu discurso, assentado qu...
...foi por uma hemiplegia. A 29...
...de janeiro de 1905 escreveu seu...
...último artigo — "Ave, Rasc...
...sia!" — que foi publicado no...
..."O Peiz". No dia seguinte a...
...torna-se a mesa para escrever...
...outro artigo, que iria ser ma...
...dado para a "Noticia", para a...
...sérieção "As Segundas", mas ele...
...ali mantinha, sob o pseudôni...
...mo de "Justo Montezuma". Pou...
...ras tiras tinha escrito, quan...
...se levantou, precipitadamente...
...E quando uma pessoa da fami...
...lia o viu acahar-se para o...
...muro, e lhe perguntou o que...
...estava sentindo, ele respondeu...
...apenas: "Saqueu". Foi era a...
...29 de janeiro de 1905. Deixava...
...como toda fortuna, a quantia...
...de 1205000 — um a herança da...
...desolada esposa, do filho e tal...
...vez tamb m das quarenta cri...
...anças pobres, que ele recebia...
...todos os dias em sua modesta...
...habitação, e de qua, junta...
...mente com D. Bibi, la desvela...
...mente dando um emiro gra...
...tuito...



Fotografia dos desterrados de Cuzco, sendo-se o marechal Almeida Barreto, o coronel Jacques Durque, o capitão Miranda Carmo, Plácido de Abreu, Manoel Lacerda, Campos da Paz, Conde de Leopoldina, J. J. Seabra e José do Patrocínio. ("Apad" O Jornal Ocaso) — "Patrocínio"

ANOITECER — Osvaldo Orico

Sobre a memória de Brown, o famoso abolicionista norte-americano que em 1854, à frente de um bando de partidários da Ku Klux, deu o mais verdadeiro combate aos apologistas da escravidão; sobre a memória desse Líder, cuja execução em Charleston foi o prelúdio da guerra civil e teve nos Estados do Norte e na Europa um eco formidável, escreveu Anatole France esta epigrafe, ajustável também à memória de Patrocínio: "A piedade é a base do gênio". Rememore-se a existência do puritano de Torrington, que em 1850, levado pelo entusiasmo de uma causa, atacava o arsenal de Harper's Ferry, pagando com a vida a coragem de suas idéias; re-embrace-se a trajetória do filho do vigário de Campos, cuja fé abolicionista, levada os letrados do sul a pôr-lhe a cabeça e estará explicada a sanção do axioma anatólico.

Quando mais triste parecia o crepúsculo de Patrocínio, um laço de idealismo vinha aliviar-lhe os suplicios do fim-de-tarde. Minúsculo ele durante o dia, na sala de jantar de sua habitação, uma escola de ensino primário, onde, em companhia da esposa, dava instrução gratuita a quarenta crianças pobres. A noite, nos últimos tempos da moléstia, entrelinhava-se em jogos bôca ou "rampa" com o filho e alguns amigos que apareciam para vê-lo.

Estendia-se na cama e delectava-se com a surpresa das curas.

Não escondia os subressaltos que lhe vinham à mente. Tendo aparecido nas proximidades de sua residência um caso de varíola, falava sempre em mudar-se porque tinha justificado horror ao contágio.

Foi no Teatro Lírico, por ocasião das festas em homenagem a Santos Dumont, que a enfermidade que lhe minava o organismo entrou em período agudo.

O tribuna, sempre empolgado pelas asas que venciam o espaço, acabava de pronunciar notável saudação ao aeronauta pátrio, quando foi acometido de hemoptises. Verificou-se aí a gravidade do seu estado de saúde. O mal avançou celeremente, preparando o desenlace. Em meados de janeiro de 1904, parecia que lhe horava.

Vinha diariamente à cidade. Morando distante da Estação de Oficiais, fazia o trajeto a cavalo. Na sexta-feira, 28 de janeiro, conta Ernesto Sena, viera à cidade pela manhã. Como à tarde chovesse, passou a noite na residência de seu cunhado, o capitão Frederico de Albuquerque, à rua S. Luiz Gonzaga, em S. Cristóvão. No sábado, às 7 1/2 da manhã, escreveu o penúltimo artigo — "Ave, Rússia!" — publicado no "O País" e por ele mesmo entregue na redação. De noite, apesar dos pedidos e conselhos dos parentes e da chuva que continuava a cair, Patrocínio regressou ao lar, à rua Dr. Bulhões, fazendo a cavalo o trajeto da estação da estrada ao ponto em que morava.

Dois antes lhe haviam subornado uma criança de 4 anos, sua tutelada, que ali fora depositada pelo pai. Todos e tavam atentos por saber o paradeiro da menina. O Zeca, vencendo a vontade que inundava o subúrbio, aventurou-se a procurá-la. Às 9 ou 10 horas da noite, voltou ele a casa o, com ar triunfante, envolvendo em largo poncho, a maneira de cavalheiro da noite, a criança, cujo paradeiro lograra descobrir.

Longo de contentamento, Patrocínio tomou a menina nos braços e pos-se a festejá-la de todos os modos, chegando mesmo a brincar de galinha, na satisfação de quem não sabia o que fazia para mostrar alegria.

O Zeca entrelinhava-se a contar a viagem de que acabava de voltar, narrando as peripécias por que passara para encontrar a pequena.

Patrocínio ouvia-o com ênlevo e admiração, mas como a narrativa tivesse um que de maravilhoso e de romântico, começou a dobrar da aventura do Zeca, declamando-lhe versos de "A morte de D. João", de Junqueiro.

Na vizinhança realizava-se um casamento. Sua esposa fora complementar noivos e Patrocínio ficara em casa a jogar bôca com um amigo.

Detestava depois a cantar trechos da "Júpiter", sempre a clausurar da aventura do Zeca, que não cessava de recomendar-se a sua admiração pelas bravatas. Ia quase a dormir, quando o interrompeu uma algazarra festiva, vinda da casa dos noivos.

— Viva José do Patrocínio!
— Vivooooo!

Despertado pelo barulho e vendo que se tratava de sua pessoa, começou ali mesmo na cama a fazer para as cadeiras um discurso de agradecimento lido naquela antiquíssima chapa.

— Faltaria ao mais sagrado de todos os deveres se, neste momento solene, não erguisse a minha fraca e debil voz, para agradecer em palavras repessadas de comoção tudo o que me vai n'alma...

E assim por diante, até que os vivos se extinguíram e ele pôde voltar ao sono.

No dia seguinte, domingo, acordou cedo e muito bem disposto, dizendo-se satisfeito por ter muito trabalho a fazer. Passou o dia conversando e dormiu depois do almoço.

As 3 horas da tarde, levantando-se da cama, pediu à esposa e ao filho que lhe sugerissem assunto para o artigo que aparecia habitualmente no "A Notícia" com o título — "As segundas" — e assinatura de Justino Monteiro. Bibi e o Zeca lembraram diversos, mas Patrocínio recusou com esquivo motivo a colaboração familiar e dirigiu-se à mesa de trabalho, que ficava na burocracia familiar, anunciando que ia escrever sobre a morte do desenhista Bordalo, sobre a criação da sociedade protetora dos animais, pretendendo terminar com a agressão atuada de que fora vítima o Biapo do Rio Grande do Sul.

Estava em meio do trabalho quando a esposa o chamou para jantar. O jornalista respondeu que fossem jantando sem ele, e continuou a escrever.

Enquanto escrevia, fumava, sem atinar que a enfermidade lhe corria o organismo, preparando o golpe fatal. Estava então na quinta tira do trabalho, pensando a mão sobre estes pontos, quando a morte lhe interrompeu o raciocínio:

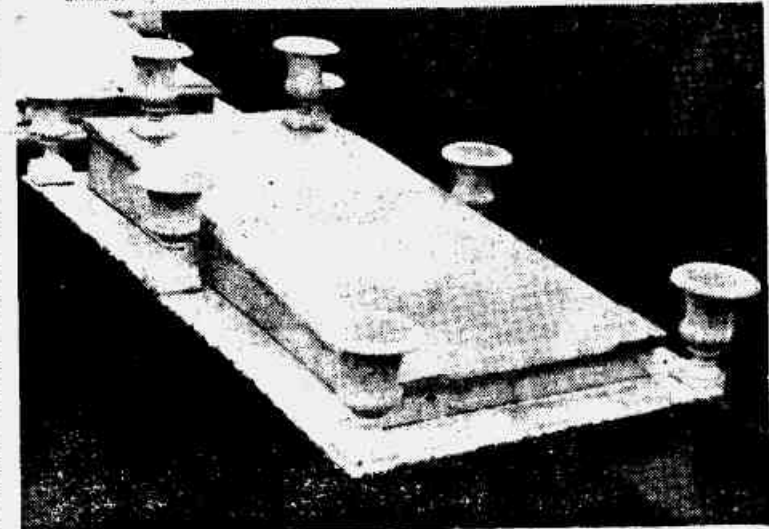
"Fala-se na organização definitiva de uma Sociedade Protetora dos Animais. Eu tenho pelos animais um respeito egípcio. Penso que eles têm alma, ainda que rudimentar, e que eles sofrem conscientemente as revoltas contra a injustiça humana.

Ja vi um burro suspirar como um justo depois de brutalmente esbofado por um carroceiro, que alestara a carroça com carga para uma quadriga e queria que o misero animal arrancasse de um atoleiro".

Após escrever a última palavra, sentiu que deitava sangue. Abandonou a mesa e dirigiu-se cambaleando para o quarto. Quando lhe perguntaram o que sentia, transformado pela



Patrocínio, no dia 13 de maio, falando em nome do povo diante da Princesa Isabel, encerrando assim o arroubo: "Minha alma sobe de joelhos nestas Paços". ("Apud" Osvaldo Orico, — Patrocínio)



Túmulo de José do Patrocínio, no cemitério de S. Francisco Xavier

PARA VARIAR — Arthur Azevedo

Não há palavras que descrevam fielmente o entusiasmo do povo fluminense que neste glorioso momento tem sabido mostrar a sua incomparável grandeza.

Não espero de hoje em diante assistir a um espetáculo mais doce e mais consolador que o dessa alegria sagrada, que ressurta em todos os semblantes.

Sequioso de festejar a liberdade, o povo derramou-se nas ruas, e as ruas encheram-se, sem que um único disturbio perturbasse a ordem. A policia não teve em que se ocupar. Dir-se-ia que o mesmo decreto da abolição extinguiu também a capoeiragem. E não será, realmente, a liberdade remédio para todos os males que nos afligem?

A um povo que procede como o nosso tem procedido desde a cotação da grande Lei, e como procedeu durante os surpreendentes festejos, hoje anunciados pela imprensa fluminense; a um povo que assim se mostra digno de todos os favores da Providência, estão reservados sem dúvida os mais brilhantes destinos.

E' de José do Patrocínio a figura que o entusiasmo e a justiça do povo salientaram com mais vigor nessa vitória suprema de uma grande causa. Se o finto maluco se, já a estas horas estava agitando o illustre jornalista, que foi a primeira força do abolicionismo.

eris, e em vôperas de afixia, apenas murmurou apontando para o chão: "Sancus". E outra grande goifada lhe jorrou da boca, manchando o realto. Nada mais disse.

Estendido na cama, procurou com os olhos as suas dedicadas e espirais. No bolso da calça que vestia, viviam apenas 12.000 reis, miúdas de uma fortuna que amou a prodiga idade, o que mal davam para encher de azeite as candelas...

"Que artigo escrevia José do Patrocínio quando morreu?"

(*) Em uma conferência realizada na Sociedade Brasileira de Belas Artes, o escritor Gastão Pensaiva afirma que foi a crônica (Continua na pag. 31)

Dole partiu o primeiro grito de guerra: era justo que Deus lhe recriasse, como reservou, a inefável satisfação de anunciar ao povo, de uma janela do Paço, a promulgação do decreto de 13 de maio.

O abolicionismo teve muitos heróis, a quem as minhas observações crônicas sempre fizera plena justiça. Entre eles figura, no primeiro plano, o grande

Ferreira de Menezes, cujo nome — diga-se de passagem — não tem sido lembrado como deveria sê-lo. Mas não há dúvida que José do Patrocínio foi o mais brilhante, o mais convencido, o mais audaz, o mais lógico, o mais enérgico, o mais vibrante, o mais inteligente, o mais amado e, sobretudo, o mais popular de todos os apóstolos da grande causa. Para chegar ao delicioso oasis a que chegou, embriagado pelo triunfo, foi-lhe preciso trilhar uma longa estrada de lama e de insultos. Houve aqui um período célebre, que todos liam às escondidas porque se envergonhavam de o fazer as claras, e que só lhe chamava — o preto cínico.

Sopando de José do Patrocínio pela incompatibilidade dos temperamentos, e sem desejo de reatar relações que noutro tempo nos aproximaram, tanto não pela sua razão cara não deixar aqui bem expressa a homenagem da minha admiração

de meu reconhecimento; do meu reconhecimento, sim, porque me cabe, como a todo b a-sileiro, uma quota parte na dívida geral.

Se algum desocupado censurar o meu insuspeito lauro, saiba que pouco se me dá que José do Patrocínio seja meu desafeto, desde que tão amigo tem sido da minha Pátria.

(A Época, de 16-1-1888)

JOSÉ DO PATROCÍNIO NA OPINIÃO DE JOAQUIM NABUCO

Este é o representante do espírito revolucionário que com o espírito liberal e o espírito de governo fez a abolição, mas que foi mais forte do que eles, e acabou por os absolver e dominar...

... O que Patrocínio, porém, representa é o *factum*, é o irrealizável do movimento... Ele é uma mistura de Spartaco e de Camille Desmoullins... Os que lutavam somente contra a escravidão eram como os liberais de 1879, da raça dos cégos de boa vontade, anão voluntários que as revoluções empregam para lhes abrirem a primeira brecha... Patrocínio é a própria revolução. Si o abolicionismo no dia seguinte ao seu triunfo dispersou-se e logo depois uma parte d'ela alçou-se à grande propriedade contra a ditadura que ele tinha iniciado no sacrifício, é que o espírito que mais profundamente o agita e revolveu, foi o espírito revolucionário que a sociedade abolição tinha deixado escapar pela primeira fenda das suas alacernas... Patrocínio foi a expressão de sua época; em certos sentidos, a figura representativa dela...

(Minha Formação, páginas 209-210).

SILVA JARDIM — JOSÉ DO PATROCÍNIO

Chamava-se Antônio da Silva Jardim, bígrio, exaltado de Thiers, pálido de argila, barba inteira, rente, panteagada, vestido corretamente, parecia, a primeira vista, uma dessas nubladas elegantes, a quem a natureza, satisfeita por oferecer-lhes o aspecto, repartia lugar no e-pico. Bastava, porém, reparar na flexão das suas sobrancelhas espessas, na expressão imperiosa do seu olhar, para descobrir dentro dessa miopia orgânica um homem, um caráter, era certa vida.

A fortuna nunca lhe sorriu: foi o operário de lá mesmo. Nascido na antiga província, hoje Estado do Rio, veio adulescente para a capital brasileira e entrou na secretaria de Instrução Pública, na época dos romances, lembrando um pássaro selvagem, a voar a esmo numa lousa de luz. As suas notas foram verdadeiras conquistas, tamanho era o seu azeite no ataque ao ensino oficial.

Felizes os preparatórios, entrou na Faculdade de Direito, em São Paulo, como um incisor, quebrando os velhos moldes acadêmicos, apurando os moldes do classicismo com o clarão auroreol da filosofia positivista. Ficou algum tempo só, agulha pairando no isolamento da sua excentricidade, mas, pouco a pouco, outros talentos, outras energias se lhe congregaram, e Silva Jardim tornou-se um centro de prestígio acadêmico. Quando se doutorou, já o seu nome era repetido, já a fama pública.

Parece que sentiu então necessidade de concentrar todo o ardor juvenil para amadurecer o espírito. Em vez de entregar-se logo à política, recolheu-se ao magistério: ensinou história na Escola Normal, convertendo os discípulos em outros tantos amigos e fazendo-se respeitar como professor modelo. A carreira oficial era, porém, uma prisão, e Silva Jardim precisava de toda a sua liberdade; a sua natureza, como a de Jesus, aspirava a um dorso de montanha, uma tribuna para a multidão. Distinguiu-se, pois, e foi armador em Santos, berço do patriotismo da independência brasileira, cidade emancipada de todos os preconceitos e de todos os servilismos pela vida cívica. Foi aí que o nome veio, primeiro vez, à noite, no claro de archotes, no momento em que se recolhia uma passante

círculo de abolicionistas. A sua voz atenuada, monótona, produziu-me a impressão de uma labareda imóvel, aquecendo forte, mesmo a distância, mas de modo não escapar uma jaguila para além incêndio.

Silva Jardim era então possente ortodoxo e evangélico, segundo a sua opinião. O seu discurso não tinha uma acenda; e a uma onda branca que expunha, de quando em quando, um estúpido, uma aspiração popular. Confesso que foi grande a minha decepção: contava com um agitador e deparava com um pedregoso.

Perdemos-nos de vista até maio de 1888, data em que o partido republicano de São Paulo deliberou entrar em fase revolucionária, declarando guerra sem tréguas ao terceiro reinado. Silva Jardim começou então a ser o "primus inter pares".

Na reunião de 24 de maio de 1888, convocada pelos republicanos paulistas para formar a caixa revolucionária, capitulantes presentes assistiam quantos relativamente ridentes. Silva Jardim era pobre, tinha já o corpo da família, porém se atirava a uma das lutas desceudentes de José Bonifácio, mas, para dar exemplo de dedicação às suas idéias, empremeu-se por soma maior. Vagou alguma coisa o estímulo, mas, apesar disso, ele verificou mais tarde que não era possível emitir nesse recurso como o principal instrumento de ação revolucionária. Deliberou, pois, não por si só, sem pedir conselhos, sem receber ordens dos chefes. Querendo revolucionar, começou revolucionando — se. Agora já não era o orador calmo e frio, o filósofo, enfim, era o propagandista impetuoso, violento e sanguinário. Os seus discursos estreitavam-se chamadas como um ferro em temperatura branca. Parecia uma maré de fogo, avançando contra o trono. Tendo, começado o incêndio em Santos, estendeu-se à província de São Paulo inteira, à capital do império, às províncias do Rio e Minas Gerais. Faltava em três e quatro cidades no mesmo dia, com o relâmpago a mão para obedecer ao horário das estradas de ferro. Após o seu discurso, apareceu no lugar um centro republicano.

O império, mole e bancheirado, encolheu, a princípio, os ombros: que fizesse; outros haviam feito o mesmo; porém a

tribuna republicana apercebeu-se do manejo e resolveu contrapor, com risco da vida, uma corrente republicana à forte corrente monárquica, que ia inundar o Norte.

Só uma província, a da Baía, pôde ouvir Silva Jardim, mas, em mesmo, atacado à mão armada desde o momento do desembarque e obrigados os republicanos a travar luta, de que resultaram ferimentos e mortes, forçou por interromper essa viagem em Pernambuco. Os republicanos dessa província, ainda que se sentissem com força para parir a palavra a Silva Jardim, considerando que se daria fatalmente grande efusão de sangue, de que resultaria uma revolução, que, sendo parcial, não aproveitaria imediatamente a causa republicana em toda a pátria, conseguiram o silêncio do tribuna, publicando um protesto coletivo.

Aconteceu, porém, o efeito desse golpe de audácia temerária, pela declaração que o príncipe itinerante se viu obrigado a fazer pública e solenemente. Sua Alteza, em nome da família imperial, declarou que o monarca não pretendia resistir à opinião pública; ao contrário, comprometera-se a submeter-se ao pronunciamento dela, feito pelos meios regulares.

Dois ou três meses depois desse incidente, a monarquia era

PATROCÍNIO

QUANDO, AO BRAÇO O BROQUEL, COMBATIAS, SOZINHO, CALMO, O GLADIO IMORTAL VIBRANDO AS MÃOS, CERTEIRO — DE QUE BENÇÃOS DE MÃE ERA FEITO O CARINHO, QUE UNIA A TUA VOZ, CLORIOSO JUSTICEIRO ?

TREVA EM CUJA ESPESSURA OS SÓIS FIZERAM NINHO! FOI DE DENTRO DE TI, QUE, PARA O CATIVEIRO, SAIU COMO UM DOIRADO E ALEGRE PASSARINHO, NUM GORGEIO DE LUZ, O CONSOLO PRIMEIRO...

HOJE, DO MAR DA INVEJA, EM VÃO, PARA O TEU ROSTO SOBE O LODO... SORRIS: E INJÚRIAS E IRONIAS VÃO DE NOVO CAIR NO PODRE SORVEDOURO...

E, ETERNO, A ETERNA LUZ DOS SÉCULOS EXPOSTO, FICAS — TU, QUE AO NASCER, JÁ NA PELE TRAZIAS A IMORREDOURA COR DO BRONZE IMORREDOURO!

OLAVO BILAC

inércia popular, a mor parte das vezes, e outras a coice de armas do exército tinham bastado para impedir que a semente republicana germinasse.

A propaganda de Silva Jardim tomou, entretanto, tamanhas proporções, era tão veloz e a sua eficácia, os seus resultados eram tão imediatos, que a monarquia tomou a determinação de resistir-lhe.

Cada vez que o orador republicano assumia a tribuna, corria imminente perigo de vida; pedradas, tiros e revolver tirados, balas à mão armada interrompiam-lhe o discurso e ele caía, de pé na tribuna, com os braços cruzados, o sorriso nos lábios, esperando que a formosa passasse e continuasse. Quando era de todo impossível, abandonava o humilhação e se retirava a reunião, Silva Jardim se retirava, arrastando um a um como o mais humilde dos seus correligionários.

E não conheço o episódio da retirada do conde d'Eu, esposa da filha da rainha, dos promessos do Norte. Como a filha Alcega se embarcasse a bordo do paquete "Alagoas", a monarquia decidiu transportar-se a ela e a família imperial para a Alagoas, a fim de impedir a sua partida.

Silva Jardim tomou passagens no mesmo paquete. A viagem para a Alagoas foi um fim trágico ao Norte, abolicionista, a já monárquica, que a lei de 13 de maio havia abolido no Sul, até os seus alçados.

O tribuna republicano apercebeu-se do manejo e resolveu contrapor, com risco da vida, uma corrente republicana à forte corrente monárquica, que ia inundar o Norte.

Só uma província, a da Baía, pôde ouvir Silva Jardim, mas, em mesmo, atacado à mão armada desde o momento do desembarque e obrigados os republicanos a travar luta, de que resultaram ferimentos e mortes, forçou por interromper essa viagem em Pernambuco. Os republicanos dessa província, ainda que se sentissem com força para parir a palavra a Silva Jardim, considerando que se daria fatalmente grande efusão de sangue, de que resultaria uma revolução, que, sendo parcial, não aproveitaria imediatamente a causa republicana em toda a pátria, conseguiram o silêncio do tribuna, publicando um protesto coletivo.

Aconteceu, porém, o efeito desse golpe de audácia temerária, pela declaração que o príncipe itinerante se viu obrigado a fazer pública e solenemente. Sua Alteza, em nome da família imperial, declarou que o monarca não pretendia resistir à opinião pública; ao contrário, comprometera-se a submeter-se ao pronunciamento dela, feito pelos meios regulares.

Dois ou três meses depois desse incidente, a monarquia era

deposta, em 15 de novembro de 1889.

Para os que acreditam, na Europa, que o advento da República foi exclusivamente devido ao pronunciamento militar desse dia, esta este rápido bosquejo da vida de Silva Jardim para desmentir-lhes. A República estava feita nas consciências, precisava apenas de ser consagrada na lei.

Proclamada a República a figura de Silva Jardim ganha ainda maiores proporções na sua história. O futuro historiador, quando tiver de julgar as alianças partidárias que o grande batalhador celebrou para dispor de um partido, poderá ser rigoroso, mas, ao ver tanto desenvolvimento esquecido, tanto sacrifício mal aguçado, e ao mesmo tempo tanta altivez da parte da vitória, há de lembrar-se destas palavras de Gólia: "Tais coisas são grandes quanto difíceis são necessárias à glória de um homem: suportar a infâmia, recusando-se com firmeza, e crer no bem e conseguir nele a consecração".

A República, a que Silva Jardim sacrificara a sua vida, não teve um raio de confiança para dar-lhe. Para não desanimar-se a sua justa causa, o sacrificado voltou costas à pátria e veio para a Europa pedir, ao estado, maior força de resistência e de patriotismo.

Morreu tão tragicamente como tinha vivido e ainda no último momento afirmou a sua extraordinária força de vida, de muitos vezes temerária.

Querida ver de perto o Velho. Estava em erupção: tanto melhor, assim era mais belo. Em vão o seu companheiro e amigo reclamava: em vão o guia aconselha; em vão o solo, querendo já as plantas dos cantinheiros, lhe faz muda oferta de resistência.

O homem das gentes audácias caminha sempre, até que uma garganta, subitamente aberta, vomitando fumo, o engole. Ainda neste momento supremo, o herói não se trai por um grilo, limita-se a levar as mãos à cabeça, como único testemunho da sua agonia silenciosa.

Bela sepultura, o vulcão; extraordinário destino do grande brasileiro: até para morrer se converteu em lava.

(De "O Século", de Lisboa).

Na véspera da abolição

(Trecho de um artigo da SEMANA POLITICA).

José do Patrocínio

O que será este país amanhã, quando o que hoje surpreende for a norma do procedimento dos governos e do povo? Quando, extinta a recordação do cativo, cada cidadão entender que ele é tanto maior quanto mais repulsa no direito de outrem o seu direito e o direito de todos?

Temos o olhar alongado sobre esse amanhã que vem rápido, vertiginosamente e que, entretanto, aligeira-se a nossa ansiedade lenta como o desabar de um século.

Bate-nos novamente o coração, perguntando-nos na paralisada se e com certo véu: que, dentro em poucos dias, uma senhora vai empalmeçar perante a assembleia de um povo, não para impor, mas para pedir e conquistar como a filha de Euter, piedade para os milhares de desgraçados, os filhos, de uma raça que foi degradada por haver contribuído tanto como qualquer outra para a grandeza da sua pátria.

Sabemos que a promessa de homens de bem é a antecipação da realidade, e entretanto temos ainda essa incredulidade fugitiva que nos provoca o bem muito maior do que esperávamos.

E por isso mesmo perdamos nos que não acreditam de todo, e que julgam que amanhã hão de chorar de despeito.

Não há negação a (corrupção havia mirado tanto o país, que e quasi impossível acreditar que se conservasse intacta uma porção do caráter completamente refratário ao castigo).

Demais é melhor não esperar muito, para morrer de alegria recebendo tudo.



José do Patrocínio, num retrato da maturidade

VALORISE SEUS LIVROS! ENCADEME-OS EM

Nilo Figueiredo

FONE 22-6748

R. dos INVALIDOS 137

B-Rua do CARMO-8

ANTOLOGIA DA LITERATURA

I - MONTEIRO LOBATO

Segunda série - Antologia da Prosa

A COLCHA DE RETALHOS



Lobato & Cia. Em 1922, terceira edição.

— Negrinha. Contos. Monteiro Lobato & Cia.

— Cidades Mortas. Contos e Impressões. Monteiro Lobato & Cia. Em 1923 estava na quarta edição (15 milheiros).

— O problema vital. Higiene e Saúde.

— Mundo da Lua. Monteiro Lobato & Cia. 1924.

— Nariinho arrebatado. Fantasia. M. L. Lobato & Cia.

— Na Antepesera. Relações mentais dum ingenuo. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1933.

— O Escândalo do Petróleo. Documentos apresentados a Comissão do Inquérito sobre o petróleo. Companhia Editora Nacional. Segunda edição em 1935.

— Contos pesados (Urupês, Negrinha, O macaco que se fez homem). Companhia Editora Nacional.

— Contos leves (Cidades Mortas e Outros). Companhia Editora Nacional. 1935.

— O Choque das Raças. Romance.

— América. Impressões dos Estados Unidos.

— Mr. Slang e o Brasil. Companhia Editora Nacional.

— O Fardo. Companhia Editora Nacional. 1931.

— Fábulas. Companhia Editora Nacional. Em 1935 estava na 3.ª edição.

— Aventuras de Barão Stalen. Companhia Editora Nacional. Em 1935 estava na 3.ª edição. Além desses livros, Monteiro Lobato tem uma extensa série de livros infantis.

João Batista Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, em 18 de abril de 1882. Formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo, e logo depois foi professor público em Aracaju. Acompanhando a carreira, fez faculdade na Escola da Mantiqueira, município de Duquilha. Foi ali que escreveu os contos dos Urupês, que tinham tanto de ambiente do interior paulista.

Em Duquilha ficou durante seis anos. Vendeu-o depois a primeira edição para São Paulo, onde adquiriu a Revista do Brasil, que lhe havia publicado os primeiros contos. Datam de sua época os livros: Urupês, Idéias de Jeca Tatá e Cidades Mortas. Esses três livros deram origem a uma firma editora, Monteiro Lobato & Cia., que logo depois se transformava na conhecida Companhia Gráfica-Editora Monteiro Lobato & Cia. Liquidando-se em 1925 a Gráfica-Editora, Monteiro Lobato e Octalio M. Fortes constituíram a Companhia Editora Nacional. Ficou a companhia sob a direção de Octalio Fortes, e Lobato veio residir no Rio de Janeiro. Em 1926 esteve nos Estados Unidos como adido cultural, ficando residenciado em Nova York, e ali permanecendo pelo espaço de quatro anos. Em 1931 está de volta ao Brasil e dedica a sua atividade ao petróleo e ao ferro.

Monteiro Lobato, simultaneamente com essas atividades, continuava a escrever, produzindo uma longa obra de contos, romances, crônicas, jornalismo. Há dez anos uma nota de sua editoria dizia que o total de suas edições já havia passado de 600.000 exemplares.

ALGUNS LIVROS DE MONTEIRO LOBATO

Da numerosa bibliografia de Monteiro Lobato citamos os seguintes livros:

Urupês. Contos. Em 1923 estava na quarta edição (25-30 milheiros). Monteiro Lobato & Cia. Editores.

Este livro foi traduzido para o espanhol em 1921, por Benjamín de Guay, e na "Biblioteca de Novelistas Americanos", apareceu naquele ano na Editorial Patría, de Buenos Aires.

— A Onça Verde (Jornalismo). Edição da "Rev. do Brasil", 1921.

— Idéias de Jeca Tatá. Edição da "Revista do Brasil", Monteiro

UMA FÁBULA

O burro juiz

Disputava a gralha com o sabão, no mundo que a sua valia a vida. Como as outras aves, sem dúvida, precisava, a burlenta maltracada de penas, furiosa, disse:

— Nada de brincadeiras. Isto é uma questão muito séria, que deve ser decidida por um juiz. Canto o sabia, canto eu e a sentença do juiz decidir quem é o melhor artista. Tomem?

— Topamos! piaram as aves. Mas quem serviria de juiz? Estavam a debater este ponto, quando zurrrou um burro.

— Nem de encomenda! exclamou a gralha. Esta lá um juiz de primeira classe, para julgamento de música, pois nenhum animal possui maiores ouvidos. Convincem-o.

Acertou o burro o juizado e veio postar-se no centro da roda.

— Vamos lá, comecem! ordenou ele.

O sabão deu um pulinho, abriu o bico e cantou. Cantou como só cantam sabões, garganteando os trinos mais melodiosos e limpos. Uma pura maravilha, que deixou maravilhado em êxtase o auditorio em peso.

— Agora, tur! disse a gralha, dando um passo à frente.

E abriu a bicanca maltracada, e uma gralha de romper os ouvidos aos próprios ouvidos.

Terminada a justa, o artista juiz abanou o pulido orlham e deu a sentença:

— Dou ganho de causa a excelentíssima senhora dona Gralha, porque cantou muito mais forte que mestre sabão.

Quem burro nasce, togado ou não, burro morre.

(Ilustração Brasileira).

Upa!

Cavalgo e parto.

A natureza, por estes dias de março, recorda tarde. Fasso as nuvens embalhadas, não rompo as nébulas e com espreguiçados de mulher mudavim que depois os raios da chuva para o banho eu sol. A natureza espanta o ritmo da poluição, de boca-lhe as curvas.

Tudo parece como através dum e-lal despolido.

Vem e volta de copinaufados como debaixo pelo fio dos barcos, vejo o luar-terra da estrada descorrer passos atônitos, e nada mais vejo senão, a espessa, o rufio larado dalguns jacoris marginais.

Agora, uma portela.

Aqui, a encruzilhada do Labrego.

Tomou a direita, em direção ao sítio do José Alvorada. Este acerto mora-me a talho de pegar um rogado no capoeirão convulso aos Periquitos, nata de terra que pelas bocas do caete legítimo, da unha de raga e da esquerda aia a clamar forte e coras de milão.

Não é difícil a parada: com cinquenta braças de carrado, bota a raga no caminho velho.

Tres, quatros, se não bom. Talvez, quatros. A noventa por um-nove vezes quatro trinta e seis: trezentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descobertas as bandeiras que o porco estraga, e o que comem a para e o rato... Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina. O pai está em casa?

É a sua filha única. Peio feito não vai em mais de quatorze anos. Que procura? Lembra os pés dancaria ruidosa nas grutas norueguesas. Mas ardeia e itá como a fruta do graxatá. Olhem como se acanhon! Dolhos baixos, finge arrumar a rodilha. Vejo pegar água a este corpo e a miopia não se ha-ter esquecido por detrás do que queria moita de faquas, ao anotar-me.

— O pai está lá? Insisti.

Respondendo um "está" enleado, sem erguer os olhos da rodilha. Como a vida do mato assestava estas verdades! Note-se que os Alvoradas não são caprins. O velho quando comprou a situação dos Periquitos, pinha da cidade: lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu dura na luta contra terras ensopadas e secas onde se encontram as colheitas dobrando o trabalho. Foram-se rareando as idas à cidade e, ao cabo, de todo se suprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em anos outonicos, e que a geada queimou o café novo — uma lamina, três mil pés — o homem, amiguado, nunca mais espiou pé fora do sítio.

Se o marido deu assim em urubiera, a mulher, essa enxada de pédo para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roca vai a vila três vezes, uma a batizar, outra a cozer, terceira a enterrar.

Com tais escarminhadas na cabeça dos velhos, e pobrezinha da Pingo. Digna tinha esse apelido a Maria dos Dolores, era natural que se folhesse na desercollura ao extremo de ganhar medo à gente. Fora uma vez à vila, com vinte dias a batizar. E já lá ia nos quateres anos sem nunca mais ter-se arregrado dali.

Lei? Escrever? Patocaças, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valia a ela ler e escrever que nem uma professora, se

desque casou nunca mais teve jeito de abrir um livro? Na roca coisa na roca.

Deixei a meama as velhas com a rodilha e emirentei-me por um alinho condacente a morada.

Que rainha...

Da casa antiga alura uma aba, e o restante, além da cunheira seada, tinha o olão fora do prumo.

O velho pinar, roida da formiga, sucumbira de inanição; três ou quatro laranjeiras macilentas, ruidas de broca, sopendo o pulso retrancado da herba de passarinho, abroalhavam ainda rebentos ouçados de paas, na ansia de sobreviver. Fora disso, mamoceros, a silvestre poiaha, e arcaças, promiscuamente com o mato invasor que se respeitava o terreirinho baldio, fronteiro à casa. Tapera, quase, e enluarava nela, o que e mais triste, almas humanas em tapera.

Bati as palmas: ó de casa! Apareceu a mulher.

— Está o seu Zé?

— Inda agorinha saiu — mas não demora. Já queimar um mel na massarandura do pasto.

Apece e entre.

Amarelo o cavalo a um moirão de cerca e entrei. Acabadinha a Sinhá Anna Rosa. Toda ruga na cara, e uma cor... Estranhei-lhe.

Doença, gemeu, estou no fim. Estômoço, fígado, uma div aqui no peito que responde na cascudina... Cosa velha é o que é.

— Metade cisma, disse-lhe para consolo.

— Eu é que sei, retrucou ela, suspirando.

Entretanto surgiu da cozinha uma velhota no cerne, bem apressado, rija e teza, que me saudou, e:

— Está espantado do jeito da Nhanna? Esta gente de agora não presta... Olhe que eu com setenta no lombo não me troco por ela. Criei a minha netá, inda lavo, cozinho e cozo. Admira-se? Cosa sim!...

— Meed e gabola porque nunca pudeca doença — nem dor de "ente"... Mas eu? Pobre de mim!... Só admira de inda estar fora da cova.

— Ai vem o Zé.

Chegava o Alvorada. Ao ver-me, abriu a cara.

— Ora viu quem se lembra dos pobres! Não pegu na sua mão porque estou assim! É só melado. Bonito, hein? Estava difícil, num oco muito alto e sem teito, mas sempre tirei. Não é fiti não, é mel de pau.

Depois a cuia de favos num mocho e se foi à janela lavar as mãos sob a caneca d'água que a mulher despejava. E pondo os olhos no caminho:

— Hoje veio no picaco... Bom bicho! Eu sempre digo: animais aqui no redor são este picaco e a ruana do Iê de Li-ma. O mais e cavalaria de moenda.

Nesse momento entrou a menina, de pole à cabeça. O pai apontou a cuia de mel.

— Está aí, filha, o doce da aposta. Perdi, paguet. Negócio e negócio. Que aposta? Ah! Ah! Balandeira. A gente cá na roca quando não tem serviço com qualquer coisa de diversão. Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse então: são mais de dez. Pingo negou: não cheira lá. Anasamos. Erym-nove. Ela ganhou o doce. Doce da roca mal é. Esta sospinha só vindo, não é o que parece, não!

A loquela do Alvorada não demorara com o atrazo da vida. Em se lhe dando oída,

tagarelava como pente da cidade.

Erpux-lhe o meu negócio. O homem rejeitou a testa e re-flecionou um buco, de quezo preso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que cai naquela peste de munda da ponte preta, fiquei assim como queiraço por dentro. Não escoro serviço, e para lidar com camaradas no elo não basta ter bocô. Sem puzar a enxada de par com eles, a coisa não vai. Lembra-se da empreitada do ano retracado? Pois vai vendendo. O tranco do Nina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com esses prejuízos não lerei o jornal. Desdê então fitei em serviço alheio.

Se inda teimo neste sustento, é por via da menina: sendo largata tudo e lá viver no mato como bicho. É o Pingo que inda me dá um pouco de coragem...

A velhinha sentara-se à luz da janela, e abrindo uma colcha pusera-se a cozer, de ocúlos na ponta do nariz.

Aproximei-me, admirativo:

— Sim, senhora! Com setenta anos!

Sorriu-se, lisonjeada.

— É para ver. E isto aqui tem coisa! É uma colcha de retalhos que venho cosendo há quatorze anos, des'que Pingo nasceu. Das vestidinhas dela vou guardando nesta caixa cada peça que sojeia e um dia as coso. Veja que galantaria de serviço.

E estendeu-me ante os olhos um pano variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O último retalho há de ser do vestido de casamento, não é Pingo? Pingo d'Água não respondeu. Metida na cozinha, percebi-a a espiar-me pela fresta da porta.

Meus dois dedos de prosa, um cafezinho ralo — escolha com rapadura — e:

— Bom, remetei levantando-me do mocho de três pernas, como não pode ser, paciência. Apesar disso acho que deve pensar um buco. Olhe que este ano se estão pagando os roçados a oitenta mil réis. Dá para ganhar, não?

— Que dá eu sei que dá, mas também sei para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era gente, muitos peguei a sessenta, e não me arrependi.

— Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois anos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo, Dona Anna faleceu. Era fatal a dor que respondia na cascudina. E me não mais aflorava à tona da memória a imagem daqueles urupês, quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum correste do batido, uma coisa apenas crível: o filho de um siliante vizinho, rapaz de todo pancada, furtara a Pingo d'Água aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina (ou rapazinha)...

— É para ver! Desconfiem das novas... Fugiu, e lá rodou com ele para a cidade — não para casar, nem para enterrar. Foi ser "maço", a pom-binha.

O incidente ficou a azoanar-me o bastante. A noite perdi o sono reitendo cenas da última visita ao sítio, e disso brotou a ideia de lá tomar. Para? Confesso, mera curiosidade, para ouvir os comentários da triste velhinha. Que golpe! Desta

BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

O PÁTIO DOS MILÁGRES

feita lá-se-lhe a rjeza de carne.

Fui.
Setembro entumescia gonos
letras em cada arbusto. Ne-
nhuma neblina. A paisagem
desenhava-se nítida até aos ca-
beços dos morros e às distantes
serres azues.

Por amor à simetria, montara
eu o mesmo peçoço. Tranpús
a mesma porteira. Alcei pelo
mesmo trilho.

No córrego vi, com os olhos
da imaginação, o vulto da me-
dusa envergadura, com o pote
deixado na lagoa, e toda as
ruínas com a rodilha. Mais uns
passos e a tapera antolhou-se-
me dorida.

As três árvores do pomar ex-
tinto eram já palhaes resaca e
punta. Sô os manceiros sub-
stanciais, mais crescidos, sempre
apinhados de frutos. O resto
piorara, descambando para o
lugar.

Rua e o chão e a terrível
pingalanga-se de molhas de
gumama, cordão de frade e
pinto.

O' de casa!

Silêncio. Três vezes repeli o
apelo. Por fim, surgiu dos fun-
dos uma sombra escurada e
tremula. Era a relhinha.

Bom dia, nha Joaquina
Está o seu Zé?

Não me reconheceu. O Zé ja-
ra a rila vender aquilo para
mudar de leria. Fez-me entrar,
lumi que me dei a conhecer, pe-
dindo escusa da má visita.

Entrei para a saleta vazia.
Tem coragem de estar aqui
sozinha?

En? Sozinha estou em toda
a parte... Morreu-me tudo, a
juha, a neta... Sente-se, disse,
apoiando para o mocho de
dois anos atrás.

Sente-me, com um nó na
goanilha. Não sabia que dizer.
Por fim:

O que é a rida, nha Joaqui-
na? Parece que foi ontem que
estive aqui. Apesar das docenas,
são vivendo felizes. Hoje...

A relhinha limpou no canhão
da manga uma lágrima.

Viver 72 anos para acabar
assim... Felizmente, a morte
não tarda. Já a sinto cá den-
tro.

Confrangia-se-me o coração
naquele ermo onde tudo era
passado, a terra, as laranjeiras,
e vasa, as vidas, salvo, tremu-
lo espectro sobreviveu como a
utina da tapera, a triste relhin-
ha encanecida cujos olhos
jóvies lágrimas estalavam, tan-
tas chorara.

Que mais agora? murmu-
rou pausadamente em voz de
quem já não é deste mundo.
Até a "desgraça" eu não queria
morrer. Velha e inútil não gos-
tava da vida. Morreu-me a fi-
lha, mas restava a neta que r-
duas vezes filha e era o meu
consolo. Desencaminharam a
pobrezinha... Agora, que mais?
So peço a Deus que me tire lo-
go e logo.

Relanceei o olhar pela sala
vazia. A carteira de costura
ainda estava sobre a arca, no
lugar de sempre. Mens olhos
pousaram nela, marasmados.

A relhinha entolhou-me o pen-
samento, e, encurtando-se, pegou
da caixa com ndos trêmãos.

Abriu-a. Tirou de dentro a col-
cha lincabada, contemplou-a
longamente. Depois, com tre-
muras na voz, disse:

— Deves cis anos! E não pu-
de acabar a colcha. Ninguém
imaginou o que é para mim este
pau. Cada retalho tem sua
história e me lembra um ves-
tidinho da Pingo d'Água. Aque-
le a ridinha dela desque nas-
ceu. Este, olhe, foi da primeira
canseira que vesti...

Tão galantinha! Estou a ve-
lar no meu braço, tentando pe-
gar os olhos com a mãozinha
gorda...

Este acal, de listras, lembra
um vestido que lhe deu a ma-
drinha aos três anos. Ela já
andava pela casa inteira, ar-
mando riradas, perseguindo o
Rômulo, que um dia, por sinal,
lhe meteu as unhas. Chamara-
me "ôô quinha". Este verme-
lho, de rosinhas, foi quando
completei os cinco anos. Esta-
ra com ele por ocasião do tom-
bo na pedra do córrego, doue
lhe veio aquela marquinha no
queixo, não reparou?

Este cá de zadrinho, foi pe-
los sete anos; eu meama o fiz,
e o fiz de salinha comprida e
paleto de quartinho. Ficou tão
engraçada feita uma mulher-
zinha!

Pingo d'Água já sabia tem-
par um virado quando usou este
de argolinhas roxas em fundo
branco. Digo isto porque foi com
ele que entornou uma panela,
queimando as mãos.

Este roxo, usou-o quando tin-
ha dez anos e caiu com sarni-
po, muito malzinha. Os dias e
noites que passei ao pé dela, a
contar histórias! Como gostava
da Gata Borralheira!

A relhinha enxugou na co'cha
uma lágrima, e calou-se.

E este? perguntei, apon-
tando um retalho amarelo, para
atrás-lhe.



— Pansou um bocadinho a triste
ar, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha já
anos quando o vesti pela pri-
meira vez num mulhão do La-
terno. Não gosto dele. Parece-
me que a desgraça começa aqui.

Flori um vestido muito asen-
tadinho no corpo e gostei
muito, pelas miúdas cores, foi o
cômodo do labreguinho engra-
çar-se da colchada. Hoje sei dis-
so. Naquela época nada sus-
peitava...

— Este, disse-lhe eu, fingin-
do recordar-me, é o que ela ves-
ti quando cá estive.

— E' enganoso seu. Era quer
ver qual? era este de pintas
vermelhas, repare bem.

— E' verdade, e verdade men-
te, agora me lembro, era isso
mesmo. E este derradeiro?

Apos uma pausa dorida, a po-
bre criatura sacudia a cabeça,
e balbuciou:

— Este é o da desgraça. Foi
o último que lhe fiz. Com ele
juro... e me matau.

Calou-se, a larrinejar, tre-
mula.

Coli-me também, apresso-
dum infinito aperto da alma.

Que quadro imensamente tri-
ste aquele fim de vida macha-
cado pela mocidade louca!

E ficamos, ambos, assim, ino-
veis, de olhos pregados na col-
cha. Ela, por fim, quebrou o
silêncio.

— Era o meu presente de no-
tado. Deus não quis. Será ago-
ra a minha mortuária. Já pedi
que me enterrassem com ela.

E guardou-a dobadinha na
caixa, envolta num sapinho.

Um mês depois, morria. Sa-
be que lhe não cumpriram a úl-
tima vontade.

Que importa ao mundo a pen-
sada última duma pobre relhin-
ha de recu?

Perguntei...

(URUPES)

hoje, quando quer um pouco de vida, diz, ainda arrepiado: foi no ano aquele crime...

Países assim têm o direito gravíssimo da insipidez. Lembra-
a ilha da Perfeição, onde a deusa Calpso abrigou Ulisses e se
tinha delicias o ceio que o mal acostumado grego deu de bo-
cejar, caudoso da boa disordem de lica.

Esta insuza da ordem parece foi-me lá dita confirmada
por um turista sueco, que deu-se do "Arlanda" para uma rápida
inspecção à nossa cidade e acabou fixando residência aqui.

— Estou maravilhado! disse-me ele. Nunca saquei que no
mundo houvesse uma coisa tão bonita no nos o país relate tão
interessante e pitoresco! Começa pela beleza das ruas. Nas la-
sonas vítimas da perfeição eterna. Todos os homens se pare-
cem uma com os outros, todos regulam no porte, na cur dos olhos,
no touro dos cabelos, no bem proporcionado dos membros. Ora é o
afinal, estas, porque ver um e ver todos. Mas aqui, que mara-
vilha! Os homens apresentam a mesma altura, os mesmos braços
e pernas, os mesmos membros, pequenos e membros, braços e per-
nas, todos como hitas velhas, capengas, cambaças, corcundas,
coxos, manetas. E de todas as cores, pretos, castanhos, alvica-
tados, azos, amarelos, ruivos, vermelhos, verdes e até brancos.
Costumo ficar na rua larga vendo o desfile do povo submetido.
Não há dois seres iguais e ainda não vi um com a forma huma-
na clássica dos Apolos erupícios na Grécia, ou das jónias que
passam pelas ruas de Estão mo.

Isto, meu caro senhor, é uma pura maravilha para um via-
jante como eu, que corre mundo em procura do pitoresco na-
sente da terra natal. Sonos na Suécia vítimas da ordem per-
feta, ordem em todos os sentidos, inclusive a remota. É a que-
sou a tal ponto que até esse velho elemento estético, tão caro
aos artistas, que é o clássico mendigo de rua, desaparece den-
tre nos. Pintor sueco que se proporia pintar um quadro como
"O Piohoso" de Murillo, ou val pintado fora da Suécia, ou tem
de camuflar de mendigo a um sadio mecânico aposentado de
Trolhattan.

Aqui, entretanto, que riqueza de motivos pitorescos se no
que diz respeito a administras mendigos autênticos! Em plia
Avenida, num esplêndido contraste com as montes entusias-
de jóias e as damas que passam vestidas de todas as cores do
iris e de todas as missuras de Paris, tenho visto exemplares
que fariam freir de entusiasmo o piado do novo grande André
Zorn, Mendigos primorosos, com belíssimas chapas, vermelhas
como carlos, olmas para o estudo da sama inteira das carmas
e dos llases gargantosos. Outros dotados de soberbas macha-
lustras, nas quais Zorn descobriu tons de cores inéditos para
a sua paleta. Além dos efeitos de cor desses maravilhosos men-
digos, os efeitos de expressão! Que riqueza! Resolucões, mas,
como "felhas" ao Ciro, exibindo elatantes de entusmar;
outros em tal grau de penúria oscura, que o passante artista
se detem, na esperança do espetáculo raro de um estrebucha-
mento final, rico de convulsões, em pleno sul.

Esta riqueza inaudita de temas pitorescos constitui a grande
riqueza de vossa pais e no dia em que for conhecida la fora,
peia inteligente propaganda aos vossos conatras, atraia para
cá toda uma legião de pintores e escultores europeus.

E tudo isto vos o consegua com um insignificante despen-
dio de niquéis sabiamente largados por mãos que se estendem!

O processo da assistência ao inválido, que em má hora a
Suécia adotou, deu cabo do mendigo por lá, com grave dano
do pitoresco das nossas ruas. O vosso processo do niquel é in-
teligente sim. Mantém, conserva a enorme classe dos inválidos,
não em asilos, fora dos olhos do público, o que é contrário a
estética, mas bem à mostra do presente, estorvando-lhe a
passagem, forçando-o a delectar-se com o pitoresco da miséria
humana.

Sois grandemente sábios, sem o saberdes. Sois uns consen-
tes criadores de beleza, mas era em que a organização social
val dando cabo da beleza do mundo. A desordem é condição da
beleza, e a bela desordem que noto em todas as vossas coisas
denuncia os dous estéticos com que a natureza vos falou. O
tópico de seleção às avessas adotado pela vossa política, o em-
pirismo dos vossos governos, a fabricação de leis antas sem o
mínimo estudo das realidades, tudo isto é profundamente estético.
Vossos governos e vossas leis com muita sabedoria immed-
tue o Brasil vire uma Suécia, uma Suécia, — ilha de Calip-
o onde a perfeição mecânica cria o tedo e mata o pitoresco.

Previo que o critério da vossa elite dirigente val conduzi-
vos a hegemonia do pitoresco. Havets de derrotar Espanha, Por-
tugal e Itália.

Havets ainda de ser a "great attraction" do turismo un-
versal, quando em consequência loria da vossa orientação o
Brasil se transformar no Pátio dos Milágres da América in-
tando daquele maravilhoso Pátio dos Milágres que Vilor Hugo
descreve na "Notre Dame de Paris". Esta perspectiva de tal mo-
do me encanta que deliberi fixar residência aqui e talvez até
me naturalizar. Porque, meu caro senhor, deve dizer-lhe que sou
um temperamento visceralmente artístico, desses que...

Neste ponto o meu sueco interrompeu-se e, num enlevo d'al-
ma, caiu em êxtase diante dum "cul-de-jatte" de tercela ordem
que aos arraios se nos defrontara e me estendera a mão fa-
minta de niquéis.

Um orgulho imenso cucheu-me a alma. Senti-me entusiao
de radiantes ufânias patrióticas e tive um do imenso d'aquela
degradação sueco, que para delectar-se com um tão exemplar de
"cul-de-jatte" tinha de deixar a sua terra e atravessar de mares.

— Isto não é nada, disse-lhe eu com paternal superioridade.
Temos coisa muito melhor. Temos cinquenta mil morfêux admi-
ravris!

— Cinquenta mil? exclamou o sueco num a sombro, mordendo
os lábios de inveja. Não lá tinhamos um, mas morreu...

Ri-me da pobreza da Suécia e, num grato à Cyrano de Ber-
gerac, dei no "cul-de-jatte" um magni novinho — o precioso
niquel com que, tão inteligentemente, fazemos as Suécias rui-
varem-se ante a nova formidanda superioridade estética...

ON PRÉMIOS DE 1941

AS ESTRELAS HÃO DE MORRER

para a jornada pela distância
Onde meu corpo se perderá por en-
lre o pranto das noites
[mortas.

O BRASIL E A GUERRA

ALGUNS LIVROS DE ACADEMICOS

— Mamede Soares deu-nos um livro dos mais curiosos sobre Santo Antonio. E' esse um dos santos da devoção brasileira, e estou que a sua tarefa angelica, na corte divina, é principalmente a de resolver os negocios que lhe propõem os seus amigos desta parte do mundo. Até no nosso Exército ele já pertenceu, se é que não pertence ainda hoje. A vida e os grandes mil-lhares de Santo Antonio estuda

poeta e de príncipe. E quanto à palanque moral do homem brasileiro, desde a primeira formação de nossa terra, ele aqui não desceva! Já Junco: são os pilanques de bolas de sebo léguas, os heróis incensáveis das matas e das vilgias das noites os vultos que ele nos mostra, construído nas bandeiras nos alcos de Piratininga, construindo o Brasil como o construíram as bandeiras, e atravessando florestas, e atravessando rios, e transpondo cordilheiras, e lutando com feras, e com índios, e com epidemias, e não vacilando nunca, já plenamente conscientes da imensa missão histórica que estão realizando, Cassiano Ricardo remodelou seu admirável livro pela segunda edição, comple-

LIVROS SOBRE PATRONOS E ACADÊMICOS

— Raimundo Correia morreu ao cônego F. M. Bueno de Sequeira um delicado estudo, que foi também editado pela Academia.

O DICCIONARIO

O TUMULO DE CASTRO ALVES

O TUMULO DE VICENTE DE CARVALHO

Parce que o destino das nossas grandes cidades é não concentrar uma tranquillidade completa no familiar... A Casarão Alves temos por nós os preciosos restos, refugio de um seculo de empereamento, para esse dar um seculo de destino. E assim, um ato de justiça. O que é a justiça e a justiça de se encontrar a Violencia da Violencia, e assim, uma crueldade. Quando o autor da "Focina de Casarão" fustica, no seculo segundo, a ideia expressa, no Conselho da Ordem Terceira do Carmo, em sua cidade de Santos, Visconde não se, porra, como a Ordem. E por esse motivo, em 1806, o autor, passado, a Ordem Terceira do Carmo, em sua cidade no seculo da cidade, se Antonio Ribeiro dos Santos, solicitando fustica, a cidade da seculina, em que se achavam os seus de preta, que não tinham direito de ali permanecer... O prelo não que atender no caso, e porra que a Ordem Terceira.

(Continua na pagina seguinte)

RETROSPECTO LITERÁRIO DE 1942

(Continuação da página anterior)

Esse livro onde estavam as primeiras relíquias. Como está no exterior, de acordo, o prefeito sanitário enviou ao Departamento Administrativo de S. Paulo um pedido de lei, solicitando fosse catalogado monumento nacional o livro em que dorme Vicente de Carvalho. Foi essa a única maneira que se encontrou de fazer com que ficasse em "ad perpetuam" livro de qualquer instituição irreverente das liberdades do Camão do misto dos poetas paulistas.

DUAS HOMENAGENS A ALCAZAR-MACHADO

Em outubro chegava-lhe de São Paulo uma comunicação realmente digna de nota, que mostra quanto e cada vez mais varia a irradiação da nossa instituição. O professor de Literatura do Colégio Universitário da Faculdade de Direito daquela cidade, estabelecera para os seus alunos da Segunda Série um "Prêmio Alcantara Machado". Homenagem ao escritor em cuja arte tão delicada nos conta "A Vida e a Morte do Bandeira", esse prêmio se destinava ao aluno que melhor escrevesse sobre a Academia Brasileira de Letras. Enviaram no concurso 23 candidatos, havendo cinco classificações e sendo escolhidos três menções honrosas. Numa delas Guilherme de Almeida representou a casa na sessão de distribuição dos prêmios.

Alcantara Machado foi alvo de outra homenagem, igualmente expressiva, esta prestada pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Ali, na casa que ilustra em que tanto trabalhou, foi inaugurado o seu busto. Falou nessa ocasião, o nosso companheiro Levi Carneiro, que acabou em Alcantara Machado, o escritor, o jurista e o mestre.

A HOMENAGEM A COELHO NETTO

Registremo, também, a comitiva de homenagem tributada a Coelho Netto, por ocasião da passagem do arado aniversário de sua morte. No dia 28 de novembro, um grupo de amigos fez da memória do autor de "Rei Negro" — grupo em que se achavam vários acadêmicos — discussão a respeito de S. João Batista, onde está enterrado Coelho Netto. Ali cobraram de flores o túmulo que o encerra, expressando os escritores a saudade que o grande artista deixou, eterna, em

todos nós. Coelho Netto recebeu, inclusive, no ano passado outra homenagem muito expressiva: a da publicação do livro de Paulo Coelho Netto. Tudo, neste livro em que um filho estudava amorosamente a vida e a obra de um pai literário, tem o maior interesse para nós. Há, porém, um capítulo do qual gostaríamos de aqui algumas linhas: é o que se intitula "A vida de Coelho Netto".

Dos 30 anos de vida, Coelho Netto escreveu 12.427 páginas somente de suas obras publicadas, agora algumas milhares de crônicas para os jornais do país. Neste mesmo período de sua vida o escritor brasileiro foi redator dos debates do Senado e lecionou na Escola Nacional de Belas Artes, no Ginásio de Campinas, no Colégio Pedro II e na Escola Dramática Municipal. E muito mais que tudo isso, na mesma fase, Coelho Netto viu nascer os seus 14 filhos, dos quais 7 não sobreviveram.

Batizar, após 30 anos de atividade literária, morte vitimado por uma velha doença do coração seriamente agravada pelo excesso de trabalho e abuso de café, Coelho Netto reside durante 40 anos, vendendo 8 milhões e a esposa, educando 7 filhos e sofrendo, na última fase de sua existência, a mais ignominiosa e revoltante campanha de que há memória nas letras nacionais.

Sua incluir o "Diárioário Letto Universal", os trabalhos inéditos, as obras perdidas, as obras não terminadas e as 8.000 crônicas produzidas para os jornais do país e do estrangeiro, Coelho Netto escreveu 30.047 páginas. Se tivesse sido aproveitado tudo o que lhe brotou do cérebro, através de sua pena ou de sua palavra, Coelho Netto deixaria provavelmente 70.000 páginas.

As 244 edições de suas obras, inclusive o que ele percebeu, como salúrio pela sua colaboração no "Diárioário Letto Universal", renderam-lhe, em 45 anos de trabalho, de 1880 a 1934, mais ou menos reais 600.000.000. Mais mensal: reais 1.100.000. Pouco mais do que o necessário para o pagamento do aluguel da casa em que morava.

OUTRAS ATIVIDADES ACADÊMICAS

Recordemos, ainda, algumas fatos

representes aos Aca. Acadêmicos e regulados no livro dos nossos trabalhos acadêmicos.

Em abril, Manuel Bandeira, fez na Associação Brasileira de Imprensa uma conferência sobre a obra do poeta português, com os recursos de uma erudição perfeita e de uma incomparável atualidade.

Em maio, o nosso presidente ofertava a casa um auxílio português, pelo trabalho de arte em que se encontravam ligados os dois famosos versos do nosso querido Olegário Martins.

Se eu deixar de cantar morro de

Que a cantiga é o meu pão de cada dia.

Também em maio, Antonio Augusto Teixeira, aos seus colegas que deviam organizar de vez em quando sessões dedicadas a Poesia. Não falaria os poetas da casa, lendo seus versos, contando sua vida. E falaria, também, os que desceriam a partir das suas poesias.

A ideia, em si, mesma, é muito simpática, porque presta culto a Poesia, que merece todos os nossos cultos. Mas, com franqueza não sei porque não a estender também a prosa. Então um Roquette Pinto ou um Oliveira Vianna ou um Afrânio Peixoto não terão coisas muito curiosas a nos contar sobre a sua obra e sobre a sua vida, somente porque o instrumento de comunicação de seu pensamento é a prosa, e não o verso? Acresce que a verdade é que cada um de nós é, em essência, é, apenas, um poeta — um bom ou mal poeta, um poeta de ou um mediocre poeta, um poeta que escreva bons versos ou mais versos, um poeta que escreva os prosa ou não prosa... mas sempre um poeta. Já o venerando mestre de todos nós, Sainte-Beuve, disse, nas duas linhas de prosa, imortalizada como versos por Musset:

Il existe, en un mot, chez les trois [quarais des hommes].
Un poète mort jeune à qui l'homme [me survit].

Em junho tivemos a regalia a apresentação de Clementino Fraga no seu cargo de professor catedrático da Faculdade de Medicina.

Em novembro, Afrânio Peixoto ingeria a ideia de uma Fundação Camões, contando no início de uma "campanha", com o apoio de alguns Camões em São Paulo — Instituição que, com o tempo, deveria tornar-se "uma livreria exposta ao público, provida, de todos os livros capazes de servir à glória do poeta e à causa da língua, das letras e da história comum, que se representa". Um comissão, composta de Manuel Bandeira, Pedro Camões e Rodolfo Garcia, recebeu a incumbência de estudar o assunto, para sobre ele se pronunciar. Seu voto foi favorável.

Em novembro, teve a Academia Brasileira uma grande alegria: a de ver incluído no "Livro do Mérito", instituição de que é presidente nosso confrade Aluísio de Pinha o nome de Clóvis Bevilacqua. E' um dos quatro remanescentes da geração fulgurante que criou a Academia. Afastado hoje da instituição, aqui permaneceu no carão inalterável que todos temos para ele, nessa veneração afetiva com que nele contemplamos uma das relíquias da idade heroica de nossa casa.

O ano não findou sem marcar para Cavalo Orice um significativo triunfo: um concurso realizado pela revista "O Malho", foi ele eleito príncipe dos contistas brasileiros.

Registremo, por fim, a alegria com que a Academia Brasileira viu tomar parte na reunião da Comissão de Copegação Intelectual, realizada em Havana, os nossos companheiros Miguel Osorio de Almeida e Ribeiro Costa.

VOTOS DE FEAR

Numerosos foram os votos de pesar registrados em nossas sessões, assimilando a ocorrência da morte de escritores, artistas e sábios, brasileiros ou estrangeiros, verificada no Rio ou em outras cidades. Na sessão de 2 de janeiro evocamos a figura de Virgílio Varzea, de Clementino Baruaque e a de João Pontoura, estes dois últimos, escritores galegos, na de 22 de janeiro, a de Antonio Parreiras, na de 1 de abril a de Stefan Zweig, a de Epitácio Pessoa, a de Fernando Luiz Osoiro, a de Percy Martin Alvim, na de 14 de maio a de general Francisco José Pinto e a de Maximo Felix Weingartner; na de 3 de junho a do poeta Jacobo Loreti; na de 26 de junho, a do

escritor português Teixeira Lopes; na de 2 de julho a de Tibério da Cunha, grande escritor; na de 18 de julho a de Francisco Pereira Leão, a do embaixador Regia de Oliveira, a do poeta Americo Falcão; na de 30 de julho a do dr. Garibaldi de Almeida e a do punter Pedro Alencar; na de 27 de agosto, a do punter português João Colares; na de 34 de setembro, a de Loulós Colares; na de 6 de outubro a de Zefirino Brasil e a de Primitivo Moraes; na de 22 de outubro, a do Carlini Leão; na de 30 de outubro a do Mario Vitalva; na de 8 de novembro, a de Carlos Ribeiro; na de 12 de novembro, a de Mario Pope e a de Azevedo Amaral; na de 18 de novembro a de Irineu Machado e a de Simplicio Cordeiro; na de 3 de dezembro, a de Godofredo d'Encarnação Tamyra; na de 10 de dezembro a de J. J. Seabra e a de Jarlles Dias Fernandes; na de 17 de dezembro a do ministro Pedro dos Santos; na de 24 de dezembro, a do poeta Silveira Neto.

VAGAS VERIFICADAS — XAVIER MARQUES

Tivemos a regalia, durante o ano que está findando, quatro vagas, sendo três no quadro dos correspondentes, e uma no quadro efetivo. Os correspondentes foram José Maria Rodrigues, Guilherme Ferrero e Rodolfo Rivarola. A vaga no quadro efetivo foi a de Xavier Marques.

Deixou-nos com a idade de 41 anos, o nosso querido amigo e o romancista encantador de "Januário e Joel". "Chris de Deus e eu não de estar na terra", como se diz em uma passagem do livro do "Chris", ele era, ainda assim, ainda vanguardista e ergo, um acadêmico exemplar, sempre em comunhão com a nossa casa, sempre em correspondência com os amigos, que tanto admiravam e o esperavam. Ainda em setembro do ano, ele estava a nossa biblioteca um registo presente dele — uma "Imitação de Cristo", escrita em oito linhas e impressa em Lyon em 1841; a Academia deu-lhe, por ocasião de sua morte, pela voz de grandes acadêmicos, as provas de respeito e estima a que ele, pelo seu talento, pelo seu saber, pela incomparável bondade de sua coração, fazia jus. E outra vez — agora pela voz menos autorizada da casa — renova as expressões de um interesse saudade pelo companheiro morto.

POESIA E UTILIDADE DE SIMÕES DOS REIS

Veio de Aracaju. Mas poderia ter vindo de qualquer parte do Brasil ou do mundo. Estudou vagamente direito em Niterói. Deve ter esquecido o que aprendeu então. Escreve em jornais, mas não é jornalista. Funcionário, chefe de família, tem obrigações civis, que desempenha normalmente. Nada disso conta, porém. Na vida de Antonio Simões dos Reis, o próprio Antonio Simões, dos Reis nada simplifica. A única coisa que conta é o livro.

Que livro? Qualquer livro. Todas as livros. Para Simões dos Reis, o mundo foi impresso, antes de ser criado. A palavra era-lhe um MS sobre os casos precedeu o verbo. Depois, aconteceu nas coisas que sabemos, inclusive os preços e as bibliotecas. A existência das tipografias e das bibliotecas tornou possível a de Antonio Simões dos Reis e deu a esse homem a felicidade que de outra forma lhe faltaria.

Po que seria impossível compreender a vida de Simões dos Reis num mundo sem livros. Se ele é anti-nazista, a explicação não estará no seu sentimento democrático propriamente dito, mas no conhecimento, que tem, de que o nazismo cultivava o mau hábito de queimar livros. Semelhante prática é intolerável a Simões dos Reis, que supunha não fumar para não usar fósforos e, assim, não carregar consigo um grão da combustão da matéria impressa.

Os seus livros, entretanto, queimaram em ser queimados...

Nunciat — brada Simões dos Reis. — Os meus livros devem ser fichados e catalogados como os bons. Tudo é papel e é tinta, são caracteres tipográficos: donados, todos encerram um índice, tem um formato, certo número de páginas. E a folha de rosto? E as folhas de guarda? Não se pode queimar um mau livro. No máximo, não o leiamos. Mas, precisa figurar nas bibliografias, como um refêre é mencionado nas cartas de navegação.

Estão vendo, por esse diálogo simulado, que Antonio Simões dos Reis possui os dois vícios maravilhosos: é bibliófilo e bibliógrafo. Se quem possui um vício intelectual é feliz, o que possui dois está acima da felicidade, do tempo e da vida terrestre. Simões dos Reis cultivava ainda um regulante: inscreveu-se naquela classe dos bibliófilos pobres, que são os mais finos bibliófilos. Ele sabe o que lhe custa uma bela e boa edição sescentista, localizada anos a fio e afinal descoberta num sebo infecto e delicioso da rua República. Custa alguns contos de reis. Ora, Simões não possuiu fábricas, navios e outras comodidades. Vive do seu salário de repartição e de biscates do nacionalista. Se possuísse aquelas coisas extraordinárias, seria fácil: tirava um pedaço do navio, uma roda da fábrica, e trocava-a pelo livro. Na falta, Simões, depois a compra do corpo, contra dívidas, corta no gás e na luz e adquire o troféu.

Mas Antonio Simões dos Reis,

Carlos Drummond de Andrade

artista e sergipano, cultivava ainda um segundo requinte. E também bibliófilo... generoso. Já viram tal adjetivo ligado a semelhante substantivo? Eu, nunca. Pois essa estranha fusão se operou em Antonio Simões dos Reis. O gosto dos livros antigos veio de um lado, caminhando solteiro; do outro lado, vinha distraído o gosto de fazer presentes. No caminho estreito os dois tinham de juntar-se... Um simpático com o outro, e aí temos Simões dos Reis escarafunchando raridades da vetusta oficina de Inácio Rodriguez de Lisboa, não somente para si como para uso e oferta. Deus sabe mediante que complicadas operações orçamentárias.

Do bibliófilo ao bibliógrafo a distância é variável. Alguns nunciam a transição. Outros vencem-na de um salto. Antonio Simões dos Reis é desses últimos. O mulo amar os livros não fez dele o elemento que mal ousa tocar em seus tesouros. Simões serviu-se, mesmo, da bibliografia como de um instrumento de comunicação cordial entre os livros e os seus possíveis amadores. Seus achados bibliográficos são logo divulgados. Sua preocupação de estabelecer uma bibliografia brasileira sistemática está presente nos trabalhos de cada dia. Simões gostaria de poder informar a qual-

quer pessoa, em qualquer momento, onde se encontra, em que estado se acha e o que contém qualquer livro de qualquer autor do Brasil. Para ajudar o estudo ou a curiosidade do consultante, mas sobretudo para cooperar na fatura de novos livros.

Vejo-o catando laboriosamente os folhetos deixados sobre a mesa, tomando apontamentos telegráficos, descobrindo, num mundo de livros interessantes que convidam à leitura, as mulheres convidam ao amor, este opúsculo de capa amarela: "Castelo, Plácido Adalberto — Instituto de Previdência do Estado do Ceará. Relatório apresentado pelo presidente dr. Plácido Adalberto Castelo ao Conselho Fiscal do IPEC, atinente aos serviços executados e ocorrências havidas no exercício de 1941, inclusive balanço de contas. Ceará, Tip. Minerva, Assis Bezerra & Cia. s. d. — 65 + 4 (n. num.) fls. descobrindo as páginas com gravuras". E apenas uma ficha. Simões fez milhares delas, para os livros graves e para os frívolos, para as epopéias e as monografias de farmácia galega, para os romances, os dicionários e as ciências didáticas, jurídicas, médicas, ocultas e outras.

Já se está vendo o valor de repositório, o valor de enciclopédia viva que encerra esse homem, e que o ministro Gustavo Capanema soube aproveitar para pesquisas a fundo num oceano de livros, jornais, revistas e processos burocráticos.

Ele não tem tempo de escrever os seus livros, tanto se dedica a descobrir, inventariar e divulgar os livros dos outros. Renunciando às veleidades de autor, no sentido de criador, consome o melhor de si na coleta dos materiais que irão documentar e estruturar a obra alheia.

Ilá, entre nós, poucos obreiros literários com essa capacidade de investigar e coligar. Entre tantas tarefas que se propõem à vocação das letras, Simões dos Reis elegue a tarefa que não brilha, mas que produz os elementos de que se nutrem as especialidades fulgurantes. Daí a poesia e a utilidade de Simões dos Reis, o homem que está sempre maquinando a caça a um alfarrábio roído de bichos, que se embraga com a descoberta de um pseudônimo colonial e que publica todas as suas caçadas e orgias bibliotecárias.

De 1941 para cá, ao lado de intensa colaboração esparsa em periódicos, ele publicou cinco séries de "Pseudônimos brasileiros", contando mais de mil verbetes, dois volumes da "Bibliografia Nacional", com 313 verbetes, e a notável "Bibliografia das Bibliografias brasileiras". Este último volume causa-me vertigem. E como se entrasse numa galeria subterrânea, que conduziu a outra galeria, que por sua vez conduziu a outra galeria, que por sua vez... Culpa, talvez, de Augusto Meyer, que na introdução ao livro, nos cita o "Tratado de Documentação", de Otlet, pro-

ANOITECER

(Continuação da pág. 29)

sobre Bordoal Pinheiro. Apesar de conhecer as onze linhas escuras sob a organização da "Sociedade Protetora dos Animais", interpretadas pela imprensa fulminante, parece-me que a última publicação do jornalista negro deve ser considerada este perfil do desenhista português, estampado no rodapé d'"A Notícia" (11 janeiro de 1905):

"Alto, corpulento, despenhado bastos cabe os encanecidos, rosto cernianamente gibbo, algumas vezes, outras embalsamadas por uma blanda e torrencial, boca rasgada, lábios os tenses e uma linha grande de um brilho feito de intelectualidade, negro como os cabelos e os bigodes, este era o Bordoal que eu conheci, soberano da grã, no mundo artístico português. Quando entrava o mundo e flava, tomava um grande ar sério, e com que trala a sua petuância no ataque. Um sorriso peneza minuciosa-lhe orem, a catadura efêmera e vir-se boni que de era, intimamente, bondade e de extensão. A natureza, era-lhe como dele para a vida um misto de coisas cômicas que adaptava, com o seu lapia genici, às fisionomias as mais repugnantes a caricatura, ou mais consagradas pela glória para torná-las irresistivelmente burlescas. Com a rapidez de um relâmpago, aoderava-se do meio onde estava e, assestando-se às fisionomias e dos caracteres, podia desde logo transfigurá-las de memória, sem perder uma linha, um gesto, surpreendendo-o que havia de carregar em cada individualidade, e traço com que e a caracterizasse nunca mais se apagava. Tendo a rimologia literária a sua intuição psicológica, ia buscar nos grandes modelos as suas adaptações e, por esse processo, conseguia ser sempre novo, fazendo uma arte absolutamente sua. A sua rotina era um anuário, surpreendendo a vida dos personagens, que punha em cena e a reprodução com a mesma realidade. Vivemos juntos no "Besoouro"... Nós vivíamos como pássaros numo coroa, sem desigualdades, trocando pensamentos e embalgando-nos no perfume da nossa alegria. Usávamos da liberdade de que os moços se investem e que é filha do desprezo de uma confiança quântica no futuro. Eramos todos artistas a Vitor Hugo: nove partes de validade e uma de interesse. Convinhamos as contradições em bom humor, ridicularizávamos as certezas amadoras do destino, pouco se nos dava que o mundo derabasse, contanto que não perdéssemos a plêiade da vida... Foram assim felizes as imortais páginas do "Besoouro", colaboração poderosa na intensificação da alma democrática de nos o país, de que Bordoal se fez com atriota com a extrema lealdade compoita, que o aliaava sob a bandeira de todos o ideis bemfezores. Português de lei, era-o pelo amor ao progresso, pelo orgulho da tradição, pelo heroísmo com que se desafiava no desenvolvimento da civilização da sua pátria. Fazer a caricatura, como Bordoal, e uma glória indestrutível e branca como a catedral dos Jerónimos, que tanto assombra pela majestade do seu desenho original como pela decência dos seus traços... Todo o olhar inteligente que paira sobre o "António Moita" e o "Besoouro", sem falar nas suas outras obras, não poderá deixar de exclamar: é um génio!"

Para documentar a sua opinião, apóia-se Penvalva nos seguintes veros da direcção pelo filho do tribuno, o Zéca, a memória do grande artista do lar e que constituem, no mesmo tempo, uma reconstrução da cena final da vida de Patrocínio:

"Já, meu velho Pat, oh! meu amigo, foi-se a tua. Quando estás o meu fado arru-nou-me e eu estava a escrever, Rufaz, o teu nome. Lembro-me, sã de onde estava escrevendo, vivo ao quarto (Jorus, parece-me e lar vendi) meu viciado, de pé, e voltando a cabeça, nos meus braços com aguilhão, exangue. Exangue, meu, frio, a me olhar... a me olhar... Que o que foste tu que me viste buscar para iras juntos a essa última jornada. Ah! meu bem Rufaz, como tudo isto é nada..."

Fra razão no caso o autor d'"O Alajadinho de Vila Rica"? Seria a crônica sobre Bordoal a página que Patrocínio o crevia a carreira? Tal afirmação, se encontra apoio nos versos de José do Patrocínio Filho (uma imagem poética como que lugar outral na recta a evidência dos autógrafos deixados pelo tribuno. Se se perguntasse qual o último artigo que Patrocínio deixou escrito, no morrer, seria lícito apontar a crônica sobre Bordoal, que constitui de fato, a primeira parte do seu folhetim literário n'"A Notícia", a página que ele deixou acabada. Perguntando-se, porém, qual o artigo que ele escrevia, ao morrer, nenhuma dúvida pode restar a alguém de que foram aquelas onze linhas sobre a ideia da organização da Sociedade Protetora dos Animais, suspensas no ar antes da morte próxima, a profusão de sangue que o escandalizou e lhe deu a sensação do fim.

(PATROCÍNIO)

(*) — Foi a interrogação com que, um dos nossos diários, Carlos Rubra, que lá tem dedicado a memória do Tere da Abolição algumas páginas formosas — abriu um interessante inquérito, com o fim de apurar uma afirmação de Gastão Penvalva, e aqui, em conferência realizada na Escola de Belas Artes, disseram-nos a e bônus sobre Bordoal Pinheiro, esboçada em janeiro de 1905, n'"A Notícia", era e que Patrocínio escreveu ao morrer.



venindo-nas da possibilidade de existência de bibliografias de quanto gran, ou seja, a bibliografia das bibliografias das bibliografias de bibliografias... Uma soma das somas, que excede as possibilidades do meu campo de atenção, e que me encerra a um país alucinante de reflexos multiplicados ao infinito. Simões dos Reis, entre-tanto, move-se de decabramadamente entre esses espelhos, e fechou os todos.

Castro Alves certamente o pferava, ao criar a imagem do homem mostrando-se diante de Deus em um livro na mão. O livro será o passaporte, a carteira profissional, o documento de identidade, tudo que interessa e ao indivíduo Simões dos Reis; e fazendo entrega dele a

divindade, Simões não se esquece de informar, como perfeito bibliógrafo:

— Com licença. Tem 0,184 x 0,123 (0,134 x 0,081), 119 páginas. É uma primeira edição, ilustrada com mapas e gravuras. O índice onomástico...

Deus o mandará calar-se, não por impaciência, mas porque na sua infinita sabedoria, desde o começo dos séculos até a consumação deles, conhece o livro, todos os livros, e conhece sobretudo Simões dos Reis.

— Foste bibliógrafo, meu filho e isso me apraz. Vem para o reino dos bibliógrafos, que é sos egado, e está longe do reino dos autores, esses indivíduos de mau coração.

(O que capero não aconteceu tão cedo.)

Uma carta do professor Strowski a Mucio Leão

Do eminente professor Fortunat Strowski recebeu o director de Autores e Livros a seguinte carta, que pedimos vênica para publicar:

"Mon cher confrère, Je lis chaque semaine, avec un intérêt croissant, vos suppléments littéraires. Ils font mon régal — et ils m'apprennent beaucoup de choses qu'à trente ans on trouve de luxe et qu'à mon âge on trouve essentielles. Je crois de plus en plus que la poésie est la haute culture de la pensée sont pour les vieillards..."

Mala ce n'est pas pour vous dire cela que je prends la liberté de vous écrire. Je vous salue et que le portait de Tristão da Cunha par Jeanita Blanchet rappelle d'une façon vraiment pathétique le profil de Maurice Barrès qui a été mon ami et que j'ai beaucoup aimé.

Et Barrès voulait ressembler à Pascal. Margre lui, par un phénomène de mimétisme, se traitait de pascalien. Aussi, au-dela de Barrès, je retrouvai le ne sais quel de Pascal en Tristão da Cunha.

Quelle merveilleuse filiation, mon cher confrère! — et que le Barrès vive et soit glorieux! — lui — son Académie — son journal A MANHÃ — et vous.

Votre très cordialement. (s) Fortunat Strowski — 14 — Déc. — 1942.

Barrès, naturellement, avait, connu Laforgue — qui était bien tel que le décrit Tristão da Cunha.

NOTA AO ÚLTIMO SUPLEMENTO

O trabalho que saiu sem assinatura de autor na página 3 do número anterior de Autores e Livros, trabalho que tem como título Carlos de Laet, e que no sumário do número foi dado como sendo nota da redação, é da autoria de Laudelino Freire. Trata-se do trecho de um estudo sobre o grande escritor a quem conhecíamos aquele fascículo, estudo que se encontra em um dos volumes de Notas e perfis.

— Cumpre-nos registar, igualmente, que, por inadvertência, saiu sem o nome do autor a admirável conferência sobre a Imprensa, uma das mais notáveis páginas de Laet.

MARIA ISABEL - VINICIUS DE MORAIS

Faz tempo, pois, sem pensar muito, a seguinte dedicatória num livro que dei à jovem escrevente de "Dardo de Vidro": "Para Maria Isabel; Isabel na terra, Maria no céu".

Deixava, sem saber, neste poeminha de acaso, um bom apanhado sobre a sua poesia. Conheci Maria Isabel há uns dois anos, em casa de Raquel de Queiroz. Sua pequena figura, fina e aguda, possui, de primeiro, qualquer coisa máleola e obliqua. Fisicamente, seu bicho é a raposa. No entanto, não há ninguém que tenha menos as qualidades negativas que fizebam da mãeira personagem de La Fontaine a rainha da fábula. Maria Isabel é uma menina triste, cheia de recalques e anelos, com um grande coração atento às solicitações do mundo.

Tudo nela é coração. Ao ler seus poemas no original, fiquei com pena e inveja dela. Trata-se de uma alma privilegiada para a dor, uma alma que não se sabe em que inferno o paraíso irá parar. Não sei, o sofrimento vive na mulher me impressiona mais que no homem. Maria Isabel não tem a menor ansia de se dissolver nas coisas, nem nenhum sentimento cósmico em relação à vida e às criaturas. Sua fragilidade vem disso que um enorme coração bata-lhe aritmico dentro de um pequeno invólucro de plumas. Uma desesperadamente o mundo dos homens e das coisas, mas seu amor é maior que ela, fá-la voraz.

Maria Isabel é um ser de ternura que não cabe em nenhum ideal de perfeição. Sua vida e poesia, sinto, hão de crescer muito ainda na lenta depuração desse martírio de amar irremediavelmente. Há criaturas cujo destino é amar, outras, ser amadas. Maria Isabel pertence a mais rica e mais desgraçada das duas categorias. Essas, mesmo quando se sentem objeto de cuidado, acabam sempre por amar "au dela de l'amour même".

"Inutilmente encosto minha face a tua face intranquila. O grande cego, o grande surdo. Inutilmente te amo".

Se eu fosse Deus, eu despojava Maria Isabel imediatamente de todas as aparências da poesia. Dava-lhe um mundo como um jardim, simples e sem sofrimento. No fundo, ela não as-

pira a nenhuma glória literária, nenhum sucesso fácil, nada a que uma mulher que é um bom poeta pode aspirar. Sua lamentação é triste como a da aveinha malferida:

— Me: humilde mistério. — Minha angústia sem nome".

São assim as grandes mulheres. Qualquer coisa orgânica resiste nelas ao gosto do brilho e da exteriorização. Sentimento excessivamente grave e belo é esse íntimo pudor das mulheres, que cria em suas almas o poder paciente do devotamento e o hábito da sombra. Maria Isabel não pode saber o que há nela de profundo, de maior que a arte.

Uma poesia a habita, espécie de centro de gravidade em sua jovem forma solicitada pelas forças opostas do céu e da terra. Seu livro de estréia que traz esse curioso título de "Dardo de Vidro" (Minha voz, dardo de vidro, em mil pedaços quebrou), é uma boa escolha de poemas onde há às vezes excelências de técnica. Maria Isabel colora-se, de saída, entre os poetas mais promissores da nova geração, essa que já conta com um Alfonso de Guimarães Filho, um José Cesar Borba, um Odeório Lavares e uma Julieta Bárbara. "Dardo de Vidro" é um livrinho feito por fora mas singularmente emocionante em seu conteúdo, com uma terrível carga de ternura. A humildade dessa poesia é um bom exemplo para todos os poetas maiores dessa terra de poetas maiores. Meu voto é que Maria Isabel a conserve sempre assim:

"Eram fragas meus limites. Mas o amor morou em mim. Sua absurda presença. Foi comigo até o fim.

Fui a que chegou perto. Foi a que toda se deu. Jamais se viu pela vida. Abandono igual ao meu.

O terra dos meus martírios. Mundo da minha paixão. Os teus momentos de estrela. Brilharam na minha mão".

As vezes a dor a esquece. E uma quadrinha brota como uma canção:

"Minha mãe está cosendo. Minha mãe está cantando. A tarde doura a janela. Onde o Jodo do mundo?"

Bravo, Maria Isabelzinha!

A crítica literária de "A Manhã"

Temos a registar um fato que nos encerra da maior alegria: a estréia de Roberto Alcides Corrêa na crítica literária de A MANHÃ.

Do seu critério de estréia transcrevemos aqui os conceitos iniciais, os quais valem como uma síntese do ponto de vista em que diante dos grandes problemas do mundo de hoje se coloca o crítico literário de A MANHÃ.

Considerar-se-la satisfeito o autor destas linhas se pudesse contribuir, na fraca medida das suas forças para colocar os problemas de literatura no plano que lhes parece convir, dando-lhes, através de obras estudadas, toda a atenção que merecem. Não seria pouco. E isso equivale a dizer que sempre será apenas um desejo ao muito parcialmente realizado, mas que assim mesmo leva o autor a sentir-se mais do que nunca solidário com aqueles que escrevem em defesa de uma noção sempre aprofundada do homem e a qual os poucos veremos refletir-se nas diferentes manifestações da vida literária do país e da época. Pouco vale a crítica se não procura na literatura um espírito de vida. Tentar descobri-lo, leal e escrupulosamente nas obras submetidas à nossa apreciação, será nossa tarefa. Assim como, na medida do possí-

vel, afastar certos mal-entendidos entre o público, nem sempre bem informado, é o que temos o direito de esperar da literatura. A época favorece certas confusões. A guerra não permite mais a todos perceber as coisas como são. Muitos vão estabelecendo uma relação (uma relação que existe e não pode deixar de existir, mas não como eles pensam) entre a literatura e a guerra, e mais ou menos explicitamente pedem que a literatura em tempo de guerra seja uma literatura. Há pessoas que censuram o fato de que se possam escrever, em tempos como os nossos, poemas de amor, romances, ensaios, peças de teatro que não se refiram à guerra; mas essas pessoas tem na verdade uma concepção muito limitada da literatura e do nacionalismo em tempo de guerra, particularmente quando este sabe os direitos que está defendendo e afastam-se elas por demais das reivindicações que não sabem identificar, de ordem artística e intelectual, requeridas pela criação literária. Esta é toda pessoal, nem sempre deliberada, tendo nela o subconsciente uma parte pelo menos, igual a

da vontade, e pode escapar à atualidade em benefício do homem de sempre. E' o que importa. Uma nação dispõe de vários meios para se afirmar, mesmo em tempo de provação e de perigo, como o nosso. E entre os meios de que dispõe, nenhum mais que a literatura, e a cultura em geral, lhe revela o génio peculiar. Não se concebe uma nação sem património cultural, artístico e literário, sendo naturalmente verdadeira a reciproca: o fato cultural é estreitamente dependente de uma entidade étnica que o explica, torna possível e real.

Entre ele e a nação — particularmente a nação ameaçada existe um vínculo vital da mesma natureza que o que liga a flor à planta e à terra. Não quer isto dizer de modo nenhum, que a planta não possa ser transplantada, nem que não possa haver enxerto. E até vemos, em outra mania, que seria de desejar que assim fosse. Uma nação, a tudo que ela expressa, deve ser como um rio, havente forte para transformar no próprio rio, isto é, no que caracteriza a nação, os elementos estranhos ou novos que vem recebendo".

SINOS DE MARIANA - Alphonsus de Guimaraens Filho

(A memória de meu Pai)



DESENHO
DE
OSWALDO
GOELDI

SÃO OS SINOS... TARDDES ROLAM NA DOR QUE VEM DOS SINOS, GRITOS
NASCIM DO VENTO FRIO, E HA' CORAÇÕES NA BRUMA...
TARDDES DE INVERNO, O' TARDES, A LOUCURA
DO VENTO ME TRANSPORTA A TREVA DOS DESERTOS
E ESTOU SO E ESTOU SO, FERIDO POR SOLUÇOS...
TARDDES DE INVERNO, A DOR TEM CANTOCHÕES, LAMENTOS
E HA' REZAS QUE ME ARRASTAM AOS TEMPLOS DA SAUDADE,
HA' SURDINAS QUE EMBALAM AS ALMAS DOS ENFERMOS...

RUAS DE MARIANA, TANTA VEZ JA' ME DISSE A SOLUÇAR DE BRUÇOS:
ANDO TRISTE DEMAIS NA NOITE DA SAUDADE!
RUAS DE MARIANA, VELHAS CASAS QUE TRAZEM A SOMBRA MAIS AMADA,
VENTOS QUE ME AGITAIS NA FEBRE DAS AURORAS,
ANDO TRISTE DEMAIS NA NOITE DA SAUDADE!

SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDDES,
SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDDES,
ARRASTAI-ME A DISTÂNCIA, APRISIONAI-ME EM MARES,
LEVAI-ME PARA OS CÉUS MAIS PUROS E INOCENTES,
FREMÍ, CANTAÍ AO VENTO, O' SINOS DA ALELUIA,
SINOS QUE DESPERTAIS A INFÂNCIA E A MADRUGADA
AO QUE PERDIDO ESTÁ NA NOITE DA SAUDADE!

SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDDES,
A NOITE VAI BEIJAR MEU CORPO PELAS NAVES,
SINOS DE MARIANA, AQUI ESTOU E A NOITE
SUFOCARÁ EM MIM AS LIMPIDAS LEMBRANÇAS
E ME PARA SONHAR COM PROCIESSÕES DE OUTRORA,
HOMENS DE PRETO ALEM, POR ENTRE A LUZ DAS VELAS...
EU SINTO, NESTE INSTANTE, QUE HA' MOÇAS A CANTAR E A RIR PELAS
(LADEIRAS...)

NÃO ES TÃO TRISTE ASSIM, O' MARIANA — EU SINTO!
TALVEZ NASÇA DE MIM A DOR QUE EMBALA AS RUAS,
TALVEZ NASÇA DE MIM ESTA SAUDADE ESPESSE,
LOUCA NA CERRAÇÃO GRITANDO PELOS MORTOS...

SINOS, FERÍ OS CÉUS, CANTAÍ NAS MADRUGADAS,
PALPITAÍ NOS ROSAIS, ENLOQUECEÍ OS VENTOS!
POR QUEM CHORAIS SE EM TUDO HA' DOCE PAZ, SE TOMBA
A LUZ ESMALCIDA E FALIDA DA TARDE
SOBRE OS CORPOS QUE O AMOR APAGA NOS CAMINHOS?

SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDDES,
LEVAI DE MIM, POR DEUS, A SOMBRA DA AGONIA!
QUERO ME VER, DE NOVO, ALEGRE E PEQUENINO,
E QUERO ME PERDER DE NOVO NAS LADEIRAS,
ESQUECIDO DE MIM, BEIJADO PELOS ANJOS...

SINOS DE MARIANA, O' NUNCA MAIS, BONS SINOS,
ACORDEIS NO MEU SONHO UM GRITO: POBRE ALPHONSUS!
NUNCA MAIS, NUNCA MAIS, EM FEBRE SOLUÇANDO,
ACORDEIS NO MEU SONHO UM GRITO: POBRE ALPHONSUS!

(QUEM SABERA, MEU PAI, SE OS SINOS QUE CLAMARAM
POR TI, EM ESCUROS DIAS, QUANDO ARDIA EM TEU CORPO A CHAMA DA
(SAUDADE)

E HAVIA NA TUA ALMA OFÍCIOS, MISERERES,
QUEM SABERA DIZER SE CLAMAM POR TEU FILHO?)

SINOS DE MARIANA A SOLUÇAR NAS TARDDES,
FREMÍ, CANTAÍ AO VENTO, O' SINOS DA ALELUIA,
SINOS QUE DESPERTAIS A INFÂNCIA E A MADRUGADA
AO QUE PERDIDO ESTÁ NA NOITE DA SAUDADE!

(Mariana, 12-4-41 — "Aleluia")